



**Campus Universitário de Almada
Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

***BULLYING* EM CONTEXTO ESCOLAR**

- UM FORMA DE MAGOAR

Fábio Alexandre Moreira Marques

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário

Orientador: Professora Doutora Paula Rodrigues

Co-Orientadora: Professora Doutora Amália Rebola

Almada, 2019



Campus Universitário de Almada
Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
***BULLYING* EM CONTEXTO ESCOLAR**
- UM FORMA DE MAGOAR

Fábio Alexandre Moreira Marques

**Relatório Final da Prática de Ensino
Supervisionado apresentando com
Vista à obtenção do grau de Mestre
em Ensinos Básicos e Secundários (2º
Ciclo de Estudos) ao abrigo do Aviso
nº 7255/2015 de 30 de Junho de 2015**

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário
Orientador: Professora Doutora Paula Rodrigues
Co-Orientadora: Professora Doutora Amália Rebola

Almada, 2019

***BULLYING* -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar**

“A persistência é o menor caminho do êxito”.

(Charles Chaplin)

***BULLYING* -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar**

A Todas as Pessoas do Mundo
que sofreram, sofrem ou sofrerão de *Bullying*.

Agradecimentos

Esta pesquisa não é apenas o apuramento de uma dedicação individual, mas sim um coleção de esforços que de maneira geral, tornaram possível a evolução do mesmo, e sem os quais teria sido extremamente complexo, chegar ao fim desta etapa, que representa, mais um ponto histórico e extremamente importante na minha vida académica, pessoal e profissional.

Por este meio venho manifestar o meu profundo agradecimento a todos os que tiveram presentes nos momentos de felicidade, e especialmente, aos que ficaram, me ajudaram e apoiaram nos momentos de tristeza, descontentamento, desânimo e desalento.

Às minhas Orientadoras, Professora Doutora Paula Rodrigues, Professora Doutora Amália Rebolo, pela forma como me orientaram, pelo entusiasmo, motivação que me direcionaram e à Professora Sandra Nóbrega, que me aceitou como seu estagiário, me ajudou em todo o processo de Estágio e na recolha dos dados, para realização desta Projeto.

A todos os Professores, Doutores e Mestres que me transmitiram as suas competências, *know-hows*, e fizeram de mim uma pessoa e profissional mais dedicado, conhecedor, positivo e preparado para o futuro.

Aos Colegas e Presidente do Conselho Executivo de uma Escola Secundária do conselho do Montijo, onde realizei o meu estágio curricular, pela simpatia e disponibilidade com que me receberam e ajudaram.

Aos meus alunos, pelos momentos de menor tolerância, aprendizagem mutua e pela simpatia e disponibilidade que demonstraram no preenchimento dos questionários.

À Minha Esposa e Filhos pelo Amor, Carinho, Ajuda, Dedicção, Amizade, Incentivo, disponibilidade na orientação, apoio no tratamento de dados e construção dos gráficos.

Aos Meus Avós paternos, que estejam onde estiverem, estarão sempre comigo e pelos valores que me transmitiram que respeitarei por toda a minha vida.

À Minha Mãe e ao Meu Pai pelo Esforço, Amor, Carinho, Trabalho, Dedicção, Companheirismo, Amizade e Transmissão de Valores, pelos quais, muito me orgulho de nortear.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Ao Meu Irmão, à Minha Cunhada e ao Meu Sobrinho, pela amizade, paciência, bem-estar que sempre me dedicaram.

Ao meu Tio Zé Pedro pela sua amizade e disponibilidade que demonstrou e continua a demonstrar durante toda a minha vida ate aos dias de hoje.

Aos Meu Sogros pela amizade, disponibilidade, paciência, companheirismo nos bons e menos bons momentos, em especial ao meu Sogro que foi como um Pai.

A Toda a Família pelo apoio incondicional, acreditando sempre nas minhas capacidades, esforço e empenho.

Em especial, ao meu primo João Augusto, que sempre acreditou em mim, mesmo nos momentos de mais descrença.

A Todos os Meus Amigos por todo auxílio, apoio, amizade, incentivo, compreensão, especialmente durante estes dois anos.

Aos meus alunos da Escola Básica do Areias, aos Professores, Auxiliares e meus alunos de Pilates.

Por fim, aos Meus Animais de Estimação por me ouvirem em fases menos boas da minha vida académica.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

O presente Relatório foi realizada por Fábio Alexandre Moreira Marques do Ciclo de estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários, no ano letivo de 2017/2019.

O seu autor declara que:

- (i) Todo o conteúdo das páginas que se seguem é da autoria própria, decorrendo do estudo, investigação e trabalho do seu autor.
- (ii) Este trabalho, as partes dele, não foi previamente submetido como elemento de avaliação nesta ou em outra instituição de ensino/formação.
- (iii) Foi tomado conhecimento das definições relativas ao regime de avaliação sob o qual este trabalho será avaliado, pelo que se atesta que o mesmo cumpre as orientações que lhe foram impostas.
- (iv) Foi tomado conhecimento de que a versão digital este trabalho poderá ser utilizado em atividades de deteção eletrónica de plágio, por processos de análise comparativa com outros trabalhos, no presente e/ou no futuro.
- (v) Foi tomado conhecimento que este trabalho poderá ficar disponível para consulta no Instituto Piaget e que os seus exemplares serão enviados para as entidades competentes e previstas na legislação.

31 de Outubro de 2019

Fábio Marques

RESUMO

Este trabalho engloba o relatório final da prática de ensino supervisionada onde este está inserido as quatro áreas/ dimensões, Formação Profissional, Social e Ética (Área 1), Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem (Área 2), Participação na escola e de relação com a comunidade (Área 3) e por último Desenvolvimento Profissional ao longo da vida (Área 4). O trabalho de investigação científica, realizado durante a PES, foi o tema do *Bullying* em contexto escolar. O objetivo deste estudo foi verificar prevalência de *Bullying*, identificando também as causas e motivações que levam à prática destes atos, passando pelos meios em que são realizados. A amostra foi constituída por 34 alunos de duas turmas, uma do 12º ano da e outra turma do 11º ano, de uma escola secundária do concelho do Montijo, ambas de cursos técnico/profissionais com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos de idade, de ambos os sexos. O questionário utilizado foi o de Melim (2011). Os resultados revelaram que o grupo de "agressores" foi composto por 9% (n=3), sendo a sua totalidade do sexo masculino. O grupo das "vítimas" fez 6% (n=2) sendo 1 rapaz e 1 rapariga. A forma mais comum de *Bullying*, com 20,7% foi chamar nomes feios. Quanto ao local mais frequente, onde ocorreu o *Bullying*, foi no recreio com uma percentagem de 39,9% seguido na sala de aula e no corredor e escadas da escola com uma percentagem de 9,2% cada. É importante perceber se os jovens, já foram ou são vítimas de atos de *Bullying*, se foram ou são indivíduos *bullies* (agressores), em que condições é que foram vítimas ou agressores, em que locais é que os atos aconteceram e de forma a poder haver algum tipo de intervenção.

Palavras-chaves: *Bullying*, vítimas, agressores e não envolvidos, contexto escolar; sexo; anos de escolaridade.

Abstract

This paper encompasses the final report on supervised teaching practice in which the four areas / dimensions are inserted, Vocational, Social and Ethical Training (Area 1), Development of teaching and learning (Area 2), Participation in school and relationship with the community (Area 3) and lastly Lifelong Professional Development (Area 4).

Scientific research work carried out during ESP was the theme of *bullying* in the school context. The aim of this study was to verify the prevalence of *bullying*, also identifying the causes and motivations that lead to the practice of these acts, through the means in which they are performed. The sample consisted of 34 students from two classes, one from the 12th grade and the other from the 11th grade, from a secondary school in the Montijo municipality, both from 16 to 20 years old, of both sexes. The questionnaire used was that of Melim (2011). The results revealed that the group of "aggressors" was composed of 9% (n = 3), all of them male. The group of "victims" accounted for 6% (n = 2) being 1 boy and 1 girl. The most common form of *bullying*, with 20.7% was calling ugly names. As for the most frequent place, where bullying occurred, it was in the playground with a percentage of 39.9% followed in the classroom and in the school corridor and stairs with a percentage of 9.2% each. It is important to understand whether young people have been or are victims of *bullying*, whether or not they are *bullying* individuals, under what conditions they have been victims or offenders, where there may be some kind of intervention.

Keywords: *Bullying*, victims, aggressors and not involved, school context; sex; years of schooling.

Índice Geral

Introdução -----	1
------------------	---

Parte I

Prática do Ensino Supervisionada

1.1. Perfil do estagiário -----	3
1.2. Expectativas Iniciais em Relação ao Estágio-----	5
1.3. Pressupostos, Duração e organização do estágio	
1.3.1. Duração e organização-----	7
1.3.2. Caracterização das Turmas-----	9

Parte II

Prática Pedagógica

2.1. Intervenção pedagógica-----	11
2.2, Estrutura e organização das aulas-----	11
2.3. Áreas / Dimensões	
2.3.1. Formação Profissional, Social e Ética (Área 1)-----	13
2.3.2 Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem (Área 2)	
A - Área do Conceção -----	14
B - Área do Planeamento-----	15
C - Área de Realização-----	18
D - Área de Avaliação-----	19
2.3.3 Participação na escola e de relação com a comunidade (Área 3)-----	22
2.3.4 Desenvolvimento Profissional ao longo da vida (Área 4)-----	26

Parte III

Trabalho de Investigação

Bullying em contexto escolar

Uma Forma de Magoar

1 – Introdução

1.1. <i>Bullying</i> -----	29
1.2. Questões de Partida-----	31
1.3. Objetivos do projeto-----	31

2 – Enquadramento Teórico

2.1. Terminologia da palavra <i>Bullying</i> -----	33
2.2 Indivíduos Agressores/ Bullies-----	35
2.3. Diferença no <i>Bullying</i> em função do sexo-----	38
2.4. Papel dos Pais e Professores-----	39
2.5. Identificação das Vitimas-----	40
2.6. As Vitimas – Agressoras e os Bullies Assistentes-----	41

3 – Metodologia

3.1. Amostra-----	43
3.2. Instrumento utilizado-----	45
3.3. Procedimentos -----	45
3.4. Procedimentos estatísticos utilizados -----	46

4 – Apresentação de Resultados

4.1. Tipo de envolvimento dos alunos em situações de <i>Bullying</i> -----	48
4.2 Tipo de envolvimento em situações de <i>Bullying</i> por ano de escolaridade---	49
4.3. As diferentes formas de <i>Bullying</i> -----	51
4.4 Locais de Agressão-----	56

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

4.5 Origem de quem agride-----	58
4.6. Idade dos agressores-----	59
4.7 Perfil dos agressores-----	61
4.8. Atitude dos professores e funcionários face ao <i>Bullying</i> -----	62
4.9. Comunicar a alguém as ocorrências de <i>Bullying</i> -----	63
4.10. Atitude perante um colega vítima-----	65
4.11. Motivo para agressão-----	66

5 – Discussão dos resultados e Conclusão

5.1.Discussão de resultados-----	69
5.2. Conclusões-----	72
5.3. Estratégias propostas-----	73
5.4. Conclusões Finais-----	74

Parte IV

Reflexões Finais

4.1 - Expectativas e competências adquiridas durante o estágio-----	76
4.2 - Reflexões finais do ensino supervisionado-----	76
V – Bibliografia -----	80
VI – Anexos-----	88

Índice de Tabelas

- Tabela I – Amostra em função do sexo e do ano de escolaridade**
- Tabela II – Amostra em função das idades e do sexo**
- Tabela III - Tipo de envolvimento em situações de *Bullying* em função do sexo**
- Tabela IV -Tipo de envolvimento em situações de *Bullying* por ano de escolaridade**
- Tabela V - Forma de Vitimização**
- Tabela VI - Formas de Vitimização em função do sexo**
- Tabela VII - Formas de Vitimização em função do ano de escolaridade**
- Tabela VIII - Locais de agressão**
- Tabela IX- Locais de agressão em função do ano de escolaridade**
- Tabela X – Origem da Vitimização em função turma**
- Tabela XI – Origem da Vitimização em função Ano**
- Tabela XII - Idade dos que agridem em função do sexo**
- Tabela XIII - Idade dos agressores por Ano de escolaridade**
- Tabela XIV - Perfil dos agressores em função do sexo**
- Tabela XV - Perfil dos agressores por ano de escolaridade**
- Tabela XVI - Atitude dos professores na opinião dos alunos**
- Tabela XVII - Atitude dos funcionários na opinião dos alunos**
- Tabela XVIII - Comunicar a agressão a alguém em função do sexo**
- Tabela XIX - Comunicar a agressão a alguém de acordo com o ano escolaridade**
- Tabela XX- Atitude perante um colega vítima em função do sexo**
- Tabela XXI - Atitude perante um colega vítima – Ano**
- Tabela XXII - Motivos para agressão em função do sexo**
- Tabela XIII - Motivos para agressão – Ano escolar**

Índice de Figuras

Gráfico I – Amostra em função do sexo e ano de escolaridade

Gráfico II – Amostra em função das idades e do sexo

Gráfico III - Tipo de envolvimento em situações de *Bullying*

Gráfico IV -Tipo de envolvimento em situações de *Bullying* 11º ano de escolaridade

Gráfico V - Tipo de envolvimento em situações de *Bullying* 12º ano de escolaridade

Gráfico VI - Forma de vitimização

Gráfico VII - Forma de vitimização em função do sexo

Introdução

Este Relatório Final surge no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada em Educação Física (PES), do curso do 2º ciclo de estudos em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares (ISEIT) do Instituto Piaget – Campus Universitário de Almada.

Tem como componente uma perspetiva crítica e reflexiva sobre o estágio profissional (Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada), e ao mesmo tempo científica (Projeto de investigação) e é dividido pelas seguintes partes.

Na primeira parte é apresentado o meu perfil de aluno/ estagiário (percurso formativo, experiências profissionais, competências adquiridas e desenvolvidas), expectativas em relação ao estágio, duração e organização do estágio, caracterização das turmas.

Na segunda parte é apresentado a parte pedagógica, onde está englobada a estrutura e organização das aulas e as quatro áreas de dimensões/áreas de intervenção.

Na terceira parte é apresentado o estudo científico, dividido em V capítulos, capítulo I, Introdução onde é feita uma revisão de literatura sobre o tema, procurando definir, situar e caracterizar o fenómeno, questões de partida e objetivos do estudo, Capítulo II, composta pelo enquadramento teórico, capítulo III, composta pela metodologia do trabalho, capítulo IV, dedicado a apresentação e análise dos resultados e por fim o capítulo V, discussão dos resultados e conclusão e estratégias propostas.

Na quarta parte e última é apresentado as expectativas e competências adquiridas durante a prática do ensino supervisionada e as reflexões finais da mesma

Parte I
Prática de Ensino Supervisionada

1.1 - Perfil do Estagiário

Eu nasci a 7 de Agosto de 1982, em Lisboa, residente no Montijo, pertencente ao concelho do Montijo, distrito de Setúbal.

A partir dos 3 anos de idade comecei a frequentar o jardim-de-infância, com aprendizagem, brincadeiras, e atividades desportivas, que já me identificava com elas. Brincava também muito na rua e no campo de futebol, que foi uma grande influência para o meu futuro como professor, que nunca mais esquecerei.

Aos seis anos ingressei no 1ºano, na Escola Primária nº 3 Luís de Camões, no Montijo e estive lá durante quatro anos. Durante estes quatro anos sempre tive contacto com algumas modalidades desportivas orientadas e supervisionadas, principalmente o futebol.

Aos dez anos ingressei no 5ºano de escolaridade, na Escola Preparatória D Pedro Varela, atualmente Agrupamento de Escolas do Montijo, onde tive a disciplina de Educação Física.

No 8º ano de escolaridade ingressei na Escola Secundária Jorge Peixinho, no Montijo e no 10º ano escolhi seguir a vertente de desporto, onde fiquei ate ao 12º ano de escolaridade.

Durante o tempo que permaneci nesta escola, continuei o meu percurso desportivo na modalidade do futebol, onde passei por vários clubes desportivos.

Com 16 anos comecei a trabalhar nas férias de verão, para a Junta de freguesia do Montijo, como monitor de O.T.L. Tomei conta de crianças, com idades compreendidas entre 4 e 10 anos.

Em Setembro de 2004 entrei no curso de Motricidade Humana, no Instituto Jean Piaget do Campus de Almada e no 2º ano optei pela variante do Ramo das Ciências de Educação Física e Desporto.

Terminados os quatro anos de Licenciatura em Motricidade Humana, Ramo das Ciências de Educação Física e Desporto, em Dezembro de 2009, aproximou-se o momento de colocar todos os ensinamentos, aptidões e aprendizagens adquiridas em prática e seguir o sonho de ser Professor de Educação Física.

Iniciei as minhas funções de Professor de Educação Física, em Setembro de 2009, sem ainda ter terminado a minha Licenciatura, nas Atividades de Enriquecimento

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Curricular, no Concelho do Montijo, onde ainda me encontro a lecionar, até aos dias de hoje.

Já fui coordenador das atividades de enriquecimento curricular na disciplina de Atividade física durante um ano letivo.

Desde cedo ligado ao Desporto, tendo praticado várias modalidades, foi como ter a conexão perfeita, ou seja, a ligação entre a Educação e o Desporto, daí a opção que ainda hoje mantenho de ser Professor de Educação Física.

Embora ao longo destes anos, tenha sempre evoluído, crescido intelectualmente e profissionalmente, tirando sempre formações ligadas ao Desporto, em 2017, senti a franca necessidade de evoluir ainda mais e iniciei o Mestrado no Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, onde já me tinha licenciado, no Instituto Jean Piaget, Campus de Almada.

Decerto foi uma decisão muito importante e de que me orgulho muito, pois embora tenham sido dois anos muito trabalhosos e já tivesse realizado estágio em educação na Licenciatura, o estado de ansiedade e de expectativas seria na mesma bastante elevado, pois tinha que aplicar todos os nossos conhecimentos adquiridos em contexto real, onde todas as nossas decisões tomadas, iriam afetar os nossos alunos, daí todo o cuidado e precisão, ter que ser ao mais elevado nível.

Foram dois anos extremamente gratificantes, por um lado o primeiro ano sendo de aulas, era assumir todas as aprendizagens e experiências para uma melhor preparação do futuro, e no segundo ano era o culminar de todo esse processo de formação aplicado, de acordo com as nossas orientações educacionais.

Foi um processo que se foi tornando cada vez mais individual, no delinear do nosso trajeto, mas sem dúvida que o mestrado, revelou ser um verdadeiro sucesso na vertente relacional de professor e aluno, mas fundamentalmente, na relação com a comunidade escolar com todo o nosso processo individual.

Concluindo, foi uma experiência bastante positiva, todas as expectativas foram alcançadas, partindo logo pelos conhecimentos adquiridos e compreendidos, o sentido crítico face às adversidades vivenciadas no dia a dia escolar, a forma como a

transformação e evolução dos alunos foi realizada e conseguida, perante a prática das planificações evidenciadas e as decisões curriculares por mim tomadas, conseguir com que os alunos aprendam e desenvolvam novas aptidões e gosto pela prática do exercício físico, assim como estilos de vida mais saudáveis e acima de tudo, construir um bom relacionamento entre professor e aluno, que na minha ótica é o mais importante no desenvolvimento de todos, ou seja, realizar uma gestão emocional e relacional, com vista à evolução.

As perspetivas iniciais que foram propostas, foram o principal foco ao longo deste ano de estágio, ou seja, saber planificar e cumprir essa mesma planificação, gerir e organizar a forma como as aprendizagens são transmitidas e adquiridas pelos alunos, conseguir identificar as dificuldades e saber resolvê-las de acordo com os mesmos, haver um ajustamento dos planos a curto e médio prazo de acordo com as adversidades do quotidiano e principalmente deixar fluir todos os processos evolutivos, com a finalidade de sucesso de todas as partes envolvidas.

1.2 - Expectativas Iniciais em Relação ao Estágio

Segundo Franco e Machado (1993, citados por Ruas, 2001), “é no estágio pedagógico que o aluno vai testar tudo aquilo que aprendeu e experimentar como é que a sua nova atividade o atinge profundamente naquilo que é como profissional e como pessoa”.

No início do estágio pedagógico, as minhas expetativas eram diversas, no entanto, tinha curiosidade para colocar em prática os conteúdos adquiridos ao longo da minha formação, estava motivado para lecionar as aulas, contatar com a realidade de dar aulas no sistema de ensino, até porque lecionar aulas ao longo do percurso académico é uma realidade oposta à realidade da escola.

Essencialmente, a dúvida de estar preparado para o desafio era o meu maior receio, contudo, a motivação que tinha para adquirir mais conhecimento e adquirir essencialmente, experiência na área do ensino, motivou-me para que as expetativas deste estágio fossem boas.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Já tinha realizado um estágio pedagógico no final da Licenciatura, num Estabelecimento de Ensino diferente e com uma realidade diferente, mas cada caso é um caso.

No entanto, referindo-me mais especificamente às tarefas a desempenhar ao longo do estágio, a minha perspetiva é que os trabalhos preparatórios para a realização do estágio pedagógico, fossem exigentes mas, também, essenciais para um bom desempenho da componente letiva, pois seriam uma boa base para essa realização.

Aspetos como o controlo, a organização da turma, o domínio dos conteúdos essenciais para poder corrigir, a dinâmica para motivar, a criação de situações de aprendizagem para alunos, com mais dificuldades, a gestão da aula, são aspetos que no seu conjunto são muito complexos de ter em atenção numa aula, as expetativas de conseguir realizar todos estes aspetos numa aula eram muitas.

Quanto à integração na escola, estava bastante motivado e tinha boas expetativas para me integrar e contactar com os professores da escola e alunos, com vista a adquirir conhecimentos importantes para a realização do estágio pedagógico.

Relativamente à participação na escola pretendia cumprir todos os procedimentos necessários para a boa integração na mesma, assim como, estabelecer uma boa relação com todos os membros da escola, desde funcionários, professores e alunos, pois, um bom ambiente escolar permite melhorar o trabalho de todos, se em conjunto evoluirmos.

Pretendia também, cooperar com todos os professores da área de Educação Física, para a criação de atividades na escola, para promover a atividade física e a integração dos alunos, mas também, cooperar e colaborar em todas as atividades da escola que promovam o ensino dos alunos, bem como o melhoramento dos valores.

Um professor é um profissional que está longe de se considerar acabado e amadurecido, visto que, acarreta uma responsabilidade importante, compete-lhe a ele a transmissão de conhecimentos importantes e atuais.

A dimensão do ensino e da aprendizagem é a dimensão central da ação do professor, pois envolve três vertentes fundamentais como a planificação, a operacionalização e a regulação do ensino e das aprendizagens, estas exigem conhecimento científico e pedagógico-didático por parte do professor.

O Estágio permitiu dar continuidade à minha aprendizagem e desenvolver as minhas competências como docente da disciplina de Educação Física, através do

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

contacto e interação com tudo o que o meio escolar me proporcionou este ano, assumindo as funções e responsabilidades de docência de duas turmas e acompanhando uma direção de turma e as atividades inerentes ao Desporto Escolar.

Assim tive a oportunidade de perceber e testar todos os conhecimentos que adquiri ao longo do meu percurso escolar, pessoal e profissional até ao momento.

O Estágio Pedagógico marca a minha entrada no mundo real, no contexto real da escola, daquilo que me esperará enquanto profissional de Educação Física.

Aqui tive a oportunidade de transformar os meus conhecimentos, no sentido de os adequar às exigências contextuais e concretas da prática.

Em termos de objetivos, “O Estágio Pedagógico, visa a integração no exercício da vida profissional de uma forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.

1.3 - Pressupostos, Duração e organização do estágio

1.3.1 - Duração e organização

O Estágio pedagógico, realizou-se no ano letivo 2018/2019, o primeiro contacto, foi a realização de uma reunião com a orientadora de estágio e a orientadora cooperante, para determinar as turmas a acompanhar e horários a lecionar.

Ficou definido que iria acompanhar a turma do 11 ano, do Curso Técnico de Desporto, da disciplina Estudo do movimento, e outra turma de 12 ano, do Curso técnico de Apoio a Gestão Desportiva, da disciplina de Educação física.

Com estes cursos pretende-se assegurar a criação de uma oferta de ensino secundário coordenada com empresas que responda ao interesse dos jovens que, no final da escolaridade obrigatória, pretendam ter uma saída profissional concreta. As empresas, entidades e instituições parceiras, sediadas na área geográfica da escola, estão

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

envolvidas na realização dos estágios de formação em contexto de empresa e contribuem para a lecionação da componente vocacional.

Os cursos vocacionais de nível secundário destinam-se a alunos a partir dos 16 anos de idade que, tendo obtido aproveitamento no ensino básico, procurem alternativas ao ensino secundário profissional e ao ensino secundário regular e pretendam uma oferta mais técnica, designadamente os que se encontrem em risco de abandono escolar. O encaminhamento dos alunos faz-se após um processo de avaliação vocacional e exige o acordo dos encarregados de educação se os alunos tiverem menos de 18 anos de idade.

Estes cursos têm uma estrutura curricular organizada por módulos e estão enquadrados no Sistema Nacional de Qualificações, com referência ao Catálogo Nacional de Qualificações, correspondendo a uma qualificação de nível 4 do Quadro Nacional de Qualificações (12.º ano de escolaridade e certificado de nível 4) e procuram dar resposta às exigências da saída profissional que se pretende obter.

As disciplinas das componentes gerais e complementar têm como referência os programas das disciplinas das componentes de formação sociocultural e científica dos cursos profissionais; a componente vocacional e a componente de estágio formativo têm por base os referenciais de formação constantes no Catálogo Nacional de Qualificações

A turma de 11º ano, iniciou a componente letiva a 16 de Outubro de 2018 e a sua conclusão foi 30 de Maio de 2019.

A Turma do 12º ano, do Curso técnico de Apoio à Gestão Desportiva, da disciplina de Educação física, iniciou a componente letiva a 17 de Outubro de 2018 e a sua conclusão foi 24 de Abril de 2019.

Houve também acompanhamento da direção de turma do 12 ano e do desporto escolar nas diversas modalidades praticadas.

No Final do 3 período, acompanhei as reuniões finais de ano.

O término do estágio profissional, foi em finais de julho, visto ser turmas de curso técnico profissionais onde têm uma componente de estágios profissionais.

1.3.2 - Caracterização das Turmas

As turmas que lecionei foram duas, uma de 11º Ano e uma do 12ºAno de escolaridade de cursos técnico profissionais.

A turma de 11º Ano, era o 11º I, constituída por vinte alunos, onde existiam dezasseis alunos do sexo masculino e quatro alunas do sexo feminino.

O intervalo de idades variou entre os quinze anos de idade e os dezanove anos de idade.

A disciplina que acompanhei e lecionei foi a de Estudo do Movimento.

A Componente Letiva desta turma é constituída pelas seguintes disciplinas: Português, Inglês (continuação), Área da Integração, Educação Física, Psicologia, Estudo do Movimento, Matemática, Práticas de Atividades Físicas, Desporto, Animação e Lazer, Práticas de Atividades em Contexto de Saúde e Formação em Contexto do Trabalho.

A turma de 12º ano que lecionei foi o 12º I, era constituída por dezoito alunos, onde existiam dezasseis alunos do sexo masculino e duas alunas do sexo feminino.

O intervalo de idades variou entre os dezassete anos de idade e os dezanove anos de idade.

A disciplina que acompanhei e lecionei foi a de Educação Física.

A Componente Letiva desta turma é constituída por as seguintes disciplinas: Português, Inglês (continuação), Área de Integração, Educação Física, Psicologia, Matemática, Práticas de Atividades Físicas, Organização e Gestão do Desporto, Gestão de Programas e Projetos de Desporto, Gestão de Instalações Desportivas e Formação em Contexto de Trabalho.

Parte II
Prática Pedagógica

2.1 - Intervenção Pedagógica

A intervenção pedagógica e organizacional da escola onde estagiei, foi realizada através de instrução/ demonstração e reforço pedagógico.

2.2 -Estrutura e organização das aulas

No início do ano letivo, foi realizada uma avaliação inicial com objetivo de determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias.

As turmas em que realizei o meu estágio, são cursos profissionais, onde a matéria é lecionada por módulos.

Modulo lecionado da turma do 11 ano, do Curso Técnico de Desporto, da disciplina Estudo do movimento,

Modulo 5 - “Análise da participação muscular no movimento – Visa desenvolver no estudante, com base nos conhecimentos adquiridos nos quatro módulos anteriores, a capacidade de análise e interpretação do movimento de forma a determinar os grupos musculares envolvidos e respetivos padrões de coordenação.”

Modulo lecionado da turma de 12º ano, do Curso técnico de Apoio a Gestão Desportiva

Modulo I - Jogos Desportivos Coletivos – Andebol, Basquetebol, Futebol e Voleibol,

Modulo II - Ginástica – Ginástica de Solo, Ginástica de Aparelhos e Ginástica Acrobática

Modulo III - Outras Atividades Físicas Desportivas – Atletismo / Desportos de Raquetas // Patinagem

Modulo IV - Atividades de Exploração da Natureza – Orientação, Natação, entre outras

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Modulo V - Dança – Danças Sociais e Danças Tradicionais Portuguesas

Em relação à organização das aulas, estas eram planeadas conforme os conteúdos programáticos, onde existia a realização do plano de aula com duração e conteúdos a lecionar em cada aula.

Particpei em todo este processo de uma forma ativa, dedicada, intervindo, corrigindo e orientando os alunos sempre com a supervisão da professora cooperante.

2.3 - Áreas / Dimensões

2.3.1 - Formação Profissional, Social e Ética (Área 1)

O professor tem a função de promover aprendizagens curriculares, baseada na sua experiência profissional, resultante da aprendizagem e uso de diversos saberes na prática, profissional, social e ética.

Durante o meu estágio houve sempre uma conduta profissional, tanto no trabalho individual como no trabalho coletivo, seja entre os outros professores, ou com os alunos.

Houve também um sentido de responsabilidade, assiduidade e pontualidade, capacidade de análise crítica e de autocrítica, para melhoramento do meu desempenho.

Foi sempre apresentada uma conduta pessoal adequada perante os alunos, professores, encarregados de educação e funcionários.

Quanto à minha disponibilidade para com os outros professores, para os alunos e para a escola, houve sempre durante o tempo que decorreu o estágio, uma completa disponibilidade de minha parte, para quaisquer necessidades por parte dos alunos, como para qualquer atividade da escola.

2.3.2 - Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem (Área 2)

Esta área engloba **a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação** do ensino.

O objetivo desta área ligou-se com a construção de uma estratégia de intervenção, orientada por objetivos pedagógicos, que respeitassem o conhecimento válido no ensino da Educação Física (nos campos da conceção, do planeamento, da realização e da avaliação do ensino e da aprendizagem), para que o processo de educação e formação do aluno na aula de Educação Física fosse conduzido com eficácia pedagógica.

A) Área da Conceção

A conceção tendo em conta as circunstâncias do nosso exercício de professor, considerou a necessidade de serem analisadas e recolhidas o maior número de informações relativamente ao contexto cultural, social da escola e das turmas onde iríamos lecionar, aos projetos educativos e planos curriculares de Educação Física propostos, sendo estas informações indispensáveis para um bom delineamento das atividades a realizar e do planeamento a estruturar.

Considerámos esta pré-planificação fundamental, pois ajudou-nos a planear todo o ano letivo para cada turma, possibilitando-nos estruturar e distribuir as matérias/conteúdos de acordo com a hierarquização dos objetivos propostos e selecionar as instalações e meios a utilizar.

Objetivos	Dificuldades	Estratégias	Pontos Positivos	Calendarização
Analisar os documentos referentes ao	Organizar e perceber a sequência do	Leitura e análise	Conhecimento da professora cooperante e	Mês de Outubro

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Estagio Profissional.	trabalho a ser elaborado, individual e coletivamente	individual; Discussão com a Professora Cooperante	coordenadora estagio.	
Analisar os programas de Educação Física, e os planos curriculares. Análise de documentos centrais e locais	Adaptar os programas à realidade escolar, à turma e ao ambiente escolar.	Reflexão coletiva e individual com o núcleo de estágio e professora cooperante.	Conhecimento da professora cooperante	Mês de Outubro
Recolher informação relativa aos alunos, a fim de caracterizar a turma, e os alunos.	Adaptar o processo ensino – aprendizagem às facilidades/dificuldades dos alunos, para que todos vivenciem o sucesso.	Preenchimento das fichas de caracterização individual do aluno; Observação dos alunos durante as aulas	Conhecimento da professora cooperante Programa INOVAR	Mês de Outubro

B) Área do Planejamento

O planejamento deve ter em conta um conjunto alargado e variado de fatores.

Na sua intencionalidade, pretende estruturar e organizar o processo de ensino/aprendizagem, devendo constituir um processo dinâmico e permanente, que

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

possibilite monitorizar situações menos favoráveis, avaliar situações presentes e possibilitar as tomadas de decisão e reajustamento julgadas adequadas.

O professor, no que respeita a planificação poderá selecionar a partir das orientações e sugestões curriculares, os objetivos adequados às possibilidades dos alunos, escolher e delinear as melhores estratégias para que todos concretizem esses objetivos e avaliar os resultados e o processo, reformulando e assumindo as decisões de reajustamento adequadas, se necessário.

Um dos elementos relacionados com a planificação é a identificação das necessidades dos alunos por parte do professor, que apresenta uma relação positiva e muito significativa com a aquisição motora dos alunos.

Deste modo, o processo de planeamento deve envolver várias etapas faseadas no tempo e interligadas. O professor ao realizar o plano anual da turma, já deve ter em conta quais os objetivos e os recursos existentes na escola, que permitam selecionar as modalidades a lecionar.

Nas escolas onde estagiei o modelo de lecionação/planeamento adotado foi tendencialmente o modelo por blocos, implicando intervenções pedagógicas e didáticas diferenciadas.

Assim, no início de cada ano letivo era delineado um primeiro plano anual com base na mancha horária fornecida pela escola, distribuídos os espaços, definidas algumas das finalidades, objetivos gerais e específicos descritos no Programa Nacional de Educação Física.

Este método de organização é característico do modelo de ensino por blocos, onde o planeamento anual é realizado com uma avaliação inicial, tendendo a ser feito relativamente a cada bloco desportivo/temático.

Este modelo de ensino (por blocos), cria uma maior descontinuidade pois existem várias modalidades “independentes” no interior da disciplina de Educação Física, existindo aqui uma contradição com o Programa Nacional de Educação Física que foi criado com o objetivo de a sua aplicação não ser apenas uma sequência de ações, de cada matéria em blocos consecutivos, mas sim por etapas, havendo sempre uma ligação entre os conteúdos.

No entanto, este modelo permite uma maior “comodidade” e autonomia pedagógica aos professores, tornando o controlo da turma mais fácil, lecionação

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

monotemática possibilitando maior homogeneidade das práticas, possibilitando uma organização mais fácil aos professores e uma facilidade no tratamento dos conteúdos.

Objetivos	Dificuldades	Estratégias	Pontos Positivos	Calendarização
Planificar o ensino a nível anual.	Gerir as aulas no decorrer do ano letivo, destinadas para cada modalidade, tendo em atenção as necessidades dos alunos, e o espaço disponível	Discussão com o e Professora Cooperante.	Conhecimento da professora cooperante	Ao longo do ano letivo.
Planear as unidades temáticas e as aulas.	Otimizar o tempo potencial de aprendizagem e a densidade motora nos vários domínios; Criar exercícios adaptados à turma e às suas dificuldades/potencialidades.	Refletir sobre as observações efetuadas pela Professora Cooperante.	Conhecimento da professora cooperante	Ao longo do ano letivo

C) Área de Realização

Esta Área da intervenção pedagógica afigura-se como um dos aspetos mais relevantes e mais gratificante do exercício docente e talvez seja o maior desafio no quadro das complexas funções do professor na escola.

Ensinar é um processo complexo, pessoal, e a matéria sobre o qual a Educação Física se debruça, oferece algumas interrogações acerca de como melhor ensinar.

A obrigação na realização deste relatório implicou também, uma reflexão sobre o nosso próprio ensino, questão que queremos colocar, não em termos da promoção da própria reflexão, mas sim sobre a reflexão e sobre os aspetos técnicos de ensino, da justiça pedagógica, das crenças pessoais sobre os temas de ensino e sobre o ambiente de aprendizagem na Educação Física escolar.

Assim, nesta reflexão referiremos alguns princípios e premissas fundamentais que procurámos que orientassem a nossa atividade docente, nem sempre conseguido e implementado por diversas circunstâncias, mas que inequivocamente são legitimados pela nossa preocupação, atitude e responsabilidade profissional.

Como primeira grande preocupação a assumir, a necessidade de termos um conhecimento individualizado mais aprofundado sobre os alunos, as suas características, problemas e necessidades.

Como segunda grande preocupação, procurámos que toda a nossa intervenção fosse feita de acordo com planos adequados às circunstâncias, definindo objetivos específicos, realistas e mensuráveis.

Na nossa intervenção foi nossa preocupação estimular, motivar e acompanhar os alunos nas atividades de aprendizagem e na definição dos seus objetivos, concentrando a nossa atenção no seu progresso/evolução, proporcionando-lhes situações e estratégias de ensino favoráveis, promovendo uma relação pedagógica positiva e proporcionando *feedbacks* positivos.

Foi constante a preocupação na transmissão de conhecimentos, procurando a motivação e empenhamento dos alunos nas aulas, a definição de metas e o seu sucesso em cada tema/modalidade, com o intuito do alcance da sua competência e autonomia.

Procuramos, também, utilizar os procedimentos de instrução, gestão, controle, regulação e segurança das atividades de acordo com os princípios pedagógicos e didáticos e de uma forma adequada aos objetivos propostos para a aula.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Objetivos	Dificuldades	Estratégias	Pontos Positivos	Calendarização
Desenvolver e promover aprendizagens significativas, fomentar a noção de competência no aluno, envolvendo-o de forma ativa no processo de aprendizagem	Adaptar o processo ensino – aprendizagem à turma (heterogeneidade); Otimizar o tempo potencial de aprendizagem nos vários domínios; Qualidade de instrução e do feedback pedagógico; Gestão da aula, o clima e a orientação ativa dos alunos.	Reunião com Professora Cooperante . Refletir após a aula/U.D sobre as aprendizagens dos alunos.	Conhecimento da professora cooperante Conhecimento dos professores do departamento de educação física.	Ao longo do ano letivo

D) Área de Avaliação

Na procura da qualidade do ensino, torna-se claro o papel fundamental desempenhado pelas estruturas e estratégias avaliativas no âmbito escolar, assumindo a

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

avaliação um papel fundamental para a valorização das escolas, dos seus professores e da qualidade de todo o processo de ensino aprendizagem.

Poderemos definir a avaliação como a competência de obter os elementos e as informações necessárias à avaliação contínua (formativa) do progresso dos alunos, da adequação dos objetivos dos programas, da adequação dos processos e métodos, dos resultados das aprendizagens dos alunos e de toda a eficiência global do sistema de ensino.

A partir deste pressuposto deveremos encarar a avaliação em Educação Física, como um elemento que deve impor a todos os professores uma acuidade e compromisso profissional e que lhes possibilite identificar os erros de execução dos alunos, fornecendo-lhes as informações necessárias à sua correção, possibilitando caracterizar, diagnosticar os contextos e os alunos com quem trabalha, avaliar os resultados das atividades e tarefas desenvolvidas, identificando as causas de sucesso e insucesso.

Foram considerados três níveis ou fases de avaliação, ou seja, a avaliação diagnóstica, a formativa e sumativa.

A avaliação diagnóstica procurou avaliar as condições do sistema, contexto de ensino e do aluno, (conhecimento prévio/familiarização com o tema/matéria nível/competência de execução, aptidão/capacidade física relativamente ao tema/matéria, atitude/interesse/motivação), salientando pontos fracos e fortes.

Na avaliação formativa procurou-se observar as modificações ocorridas, face aos objetivos propostos e desejados, considerou todos os domínios, decorreu ao longo do ano letivo e do processo de formação dos alunos, permitindo-nos uma melhor gestão desse processo, possibilitando-nos assumir decisões de reajustamento, estratégias de intervenção, conteúdos e objetivos.

Na avaliação sumativa procurámos formular um juízo global sobre o nível de desenvolvimento das aprendizagens dos alunos e de verificar qual foi a retenção de conhecimentos por parte dos mesmos. Na sua aplicação pragmática, pretendeu saber-se qual o nível dos alunos no final dos períodos letivos e fornecendo-nos dados quantitativos sobre a classificação final do aluno

Procurou-se que a avaliação fosse contínua e tivesse por base a observação direta e os registos de comportamentos, o preenchimento de grelhas de observação e o resultado das fichas de avaliação.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Existem vários fatores que influenciam as avaliações tais como, condições de lecionação das aulas, o número de horas de prática letiva, o número de alunos por turma que condicionam o processo de ensino/aprendizagem e o tempo potencial de aprendizagem e conseqüentemente a avaliação.

Objetivos	Dificuldades	Estratégias	Pontos Positivos	Calendarização
Utilizar as diferentes modalidades de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa) como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino, da aprendizagem e da avaliação do aluno.	Utilizar e adequar as diferentes modalidades de avaliação. Definição dos critérios de avaliação.	Selecionar e construir instrumentos de avaliação.	Conhecimento da professora cooperante Conhecimento dos professores do departamento de educação física	Ao longo do ano letivo

2.3.3 - Participação na escola e de relação com a comunidade (Área 3)

Esta área engloba a conceção e planeamento de atividades.

O objetivo desta área é contribuir para a promoção do sucesso educativo, no reforço do papel do professor de Educação Física na escola e na comunidade local, bem como na disciplina de Educação Física, através de uma intervenção contextualizada, cooperativa, responsável e inovadora.

A importância do Desporto Escolar na vida escolar das nossas crianças e jovens deve ser valorizada.

A atividade física e desportiva assume particular importância na dimensão da saúde, ajudando ao desenvolvimento de práticas e estilos de vida mais saudáveis, hoje ainda mais importante face ao problema do excesso de peso e obesidade nas faixas etárias mais baixas.

Assume também importância na dimensão cívica, pois a atividade física e desportiva permite aos jovens um contacto direto com elementos da cultura desportiva, essenciais para lá das fronteiras do desporto e da escola, como a aprendizagem das regras da cooperação e da competição saudável, dos valores da responsabilidade e do espírito de equipa, do esforço para atingir metas desejadas ou da importância de cumprimento de objetivos individuais e coletivos.

O empenho individual e coletivo dos alunos e professores no bom desempenho desportivo, permitem a construção de vínculos entre as crianças e os jovens com a escola como instituição, isto é, como espaço que lhes confere a oportunidade de se realizarem e desenvolverem as suas capacidades físicas relacionais, mas também, cognitivas.

O Desporto Escolar deve ser visto como uma plataforma a partir da qual deve ser trabalhada a transversalidade dos hábitos que fazem o bom desempenho desportivo.

Houve várias atividades em que estive envolvido e em que participei a nível do Desporto Escolar tais como:

Corta-mato, torneio 3x3 basquetebol, futsal, badminton, mega- sprinter, voleibol, passeio de BTT e Dia do Desporto.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Também acompanhei as minhas turmas em vários eventos e visitas de estudo, sendo uma delas no âmbito da Educação Física, com atividades de desportos radicais, na Barragem de Montargil que se realizou durante 3 dias no mês de Maio.

Objetivos	Dificuldades	Estratégias	Pontos Positivos	Calendarização
Organização do Corta-mato Promover a prática dentro da comunidade escolar; para a integração e socialização dos alunos.	Organização e gestão do evento. Motivar um elevado número de participantes	Divisão de tarefas; Reunir com regularidade e preparação com antecedência.	Conhecimento da professora cooperante Conhecimento dos professores do departamento de educação física	1º Período
Organização do Basquetebol 3x3 Promover a prática dentro da comunidade escolar; para a integração e socialização dos alunos.	Organização e gestão do evento. Motivar um elevado número de participantes	Divisão de tarefas; Reunir com regularidade e preparação com antecedência.	Conhecimento da professora cooperante Conhecimento dos professores do departamento de educação física	1º Período
Organização do Mega Sprinter Promover a	Organização e gestão do evento.	Divisão de tarefas; Reunir com	Conhecimento da professora cooperante	2º Período

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

prática dentro da comunidade escolar; para a integração e socialização dos alunos.	Motivar um elevado número de participantes	regularidade e preparação com antecedência	Conhecimento dos professores do departamento de educação física	
Organização do torneio Futebol Promover a prática dentro da comunidade escolar; para a integração e socialização dos alunos.	Organização e gestão do evento. Motivar um elevado número de participantes	Divisão de tarefas; Reunir com regularidade e preparação com antecedência	Conhecimento da professora cooperante Conhecimento dos professores do departamento de educação física	2º Período
Organização do Badmínton Promover a prática dentro da comunidade escolar; para a integração e socialização dos alunos.	Organização e gestão do evento. Motivar um elevado número de participantes	Divisão de tarefas; Reunir com regularidade e preparação com antecedência	Conhecimento da professora cooperante Conhecimento dos professores do departamento de educação física	2º Período
Dia da Educação Física e do Desporto	Organização e gestão do	Divisão de tarefas;	Conhecimento da professora cooperante	

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

<p>Promover a prática dentro da comunidade escolar; para a integração e socialização dos alunos.</p>	<p>evento. Motivar um elevado número de participantes</p>	<p>Reunir com regularidade e preparação com antecedência</p>	<p>Conhecimento dos professores do departamento de educação física</p>	<p>2º Período</p>
<p>Passeio de Bicicleta Promover a prática dentro da comunidade escolar; para a integração e socialização dos alunos.</p>	<p>Organização e gestão do evento. Motivar um elevado número de participantes</p>	<p>Divisão de tarefas; Reunir com regularidade e preparação com antecedência</p>	<p>Conhecimento da professora cooperante Conhecimento dos professores do departamento de educação física</p>	<p>3º Período</p>
<p>Torneio Voleibol 4x4 Promover a prática dentro da comunidade escolar; para a integração e socialização dos alunos.</p>	<p>Organização e gestão do evento. Motivar um elevado número de participantes</p>	<p>Divisão de tarefas; Reunir com regularidade e preparação com antecedência</p>	<p>Conhecimento da professora cooperante Conhecimento dos professores do departamento de educação física</p>	<p>3º Período</p>

2.4.4 - Desenvolvimento Profissional ao longo da vida (Área 4)

Esta área reúne atividades e vivências importantes na construção da competência profissional, promovendo assim uma reflexão acerca do que foi realizado numa perspectiva do seu desenvolvimento ao longo da vida profissional, promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, a colaboração e a abertura à inovação.

Objetivos	Dificuldades	Estratégias	Pontos Positivos	Calendarização
Partilhar os problemas e desenvolver o espírito de colaboração (em geral, na escola e em particular, no departamento). Criar hábitos de investigação/reflexão e ação;	Elaboração do PIF, e do projeto de estudo.	Reflexões individuais; Diálogo com a Professora Cooperante, Orientadora de Estágio.	Conhecimento da professora cooperante Conhecimento dos professores do departamento de educação física	Ao longo do ano letivo.
Desenvolver competências de argumentação e de comunicação, orais e escritas.	Conseguir adequar a linguagem e escrita, suportando-me na literatura com vista à elevação da capacidade reflexiva.	Conclusões acerca da experiência prática;	Conhecimento da professora cooperante Conhecimento dos professores do departamento de educação física	Ao longo do ano letivo

PARTE III

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

BULLYING - EM CONTEXTO ESCOLAR -
UMA FORMA DE MAGOAR

1

Introdução

1.1 - *Bullying*

As práticas de violência tanto físicas como psicológicas têm uma enorme relevância, quando falamos de crianças e jovens, em meio escolar.

O psicólogo norueguês Dan Olweus (1978), da Universidade de Bergen, foi o pioneiro a relacionar a palavra *Bullying* ao fenômeno, pois ao pesquisar as tendências suicidas dos adolescentes, Olweus descobriu que a maioria destes jovens já havia sofrido algum tipo de ameaça ou humilhação e que, portanto, *Bullying* era um mal a combater.

Constatini (2004,p.69) refere que o *Bullying* é um tipo de violência causada por uma ou várias pessoas: “O *Bullying* trata-se de um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. È uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima.”

Fante (2005) define de forma concisa o termo *Bullying*, facilitando a sua compreensão: “ *Bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento *Bullying*" (Fante, 2005, p. 28 e 29).

O termo *Bullying* compreende assim todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais indivíduos contra outro (s) indivíduo (s), causando assim dor, angústia, sofrimento, baixa de autoestima, fobia escolar, tristeza, depressão, medo, rejeição na escola, insegurança, ansiedade, dificuldade de relacionamento interpessoal, dificuldade de concentração, diminuição do rendimento escolar, dores de cabeça ou de estômago, mudanças repentinas de humor, vômitos, urinar na cama, falta de apetite, choro, insônia, aumento de pedido de dinheiro aos pais e até mesmo roubos de vários objetos em casa, surgimento de objetos estragados ou desaparecidos sem que exista explicação para tal, entre outros tipos de comportamentos. (Fernandes, 2010, p.02)

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Em alguns casos as vítimas de *Bullying* tentam mesmo o suicídio, onde tentam assim livrar-se das pressões e humilhações constantes, a que são submetidas. (Ai Koyanagi, 2019)

Este fenómeno não é recente e não está reduzido a comportamentos de adolescentes, infelizmente.

Em todas as idades, há quem tenha prazer com o mal dos outros ou pelo menos, tenha um interesse perverso na desgraça alheia.

Como foi referido há pouco, este fenómeno não é novo, uma vez que sempre se alcunhou as crianças ou adultos mais obesos de por exemplo “buchas”, às pessoas com necessidade de utilizar óculos com a finalidade de conseguirem corrigir a sua falta de vista “caixa de óculos” ou até mesmo “trinca – espinhas” a quem tem uma constituição física mais frágil, mais magra.

É do senso comum que os adolescentes têm vida própria, sendo natural que quem não se integre num grupo, seja vítima de ostracismo.

Mas existem limites, que se tornam graves ao serem quebrados, visto que vão abalar valores de respeito pelo outro, que deveriam fazer parte da educação cívica.

Pais e Professores têm que estar mais atentos e sobretudo não desvalorizarem os incidentes de que tenham conhecimento.

Quem não sabe que entre as crianças e instigados pelos programas violentos a que assistem na televisão, ou por realidades virtuais, que é engaçado brincar às lutas, sendo este um convite vulgar, tendo também as suas próprias regras, como por exemplo o “Ai que estás a aleijar”, ou “Assim não vale”, entre outros sinais que servem de regras para parar quando algo na brincadeira está a correr menos bem.

Quando se profere uma destas frases costuma ser a palavra mágica para parar a brincadeira.

Mas e se for um grupo de vários elementos contra um? Provavelmente já não é bem uma luta, mas sim uma agressão.

Ridicularizar seja quem for e ainda por cima um colega, é uma base errada de comportamento, mesmo que este tenha opção de escolha.

O *Bullying* vai para além da violência física, o que significa, que tudo o que sirva para chamar nomes, humilhar, discriminar, isolar, perseguir, assediar, dominar, roubar, ferir ou ameaçar, são atos de *Bullying*.

1.2 - Questões de Partida

Inspirado assim por esta problemática que cada vez se faz sentir, com mais intensidade, formula-se assim, as seguintes questões de partida:

Qual a prevalência de *Bullying*?

Qual a periodicidade das agressões?

Quais as formas de agressão?

Quais os locais onde são realizados os atos de agressão?

Quem pratica os atos de agressão?

Quais as idades dos agressores?

Qual o sexo dos Agressores?

Quais a Intervenção dos professores/ funcionários neste tido a agressões?

Quais os relatos destas ocorrências?

Qual a intervenção dos colegas na defesa da vítima?

Qual a reação ao ver a agressão?

Quantas vezes um individuo *bullie* e realizou atos de *Bullying*?

Quais as estratégias existem para combater este fenómeno?

1.3 - Objetivos do estudo

Neste sentido, o principal objetivo desta pesquisa foi a identificação e caracterização da vitimização, através do *Bullying*, numa escola secundária do concelho do Montijo.

Os objetivos específicos foram o de verificar se os alunos já foram vítimas ou se são autores de atos de *Bullying*, as motivações que os levam a cometer estes atos, os efeitos provocados pelos mesmos, tanto no indivíduo *bullie* como na vítima, quais são os locais escolhidos pelos agressores para agredirem as suas vítimas e estratégias apresentadas pelos inquiridos para tentar minimizar ou acabar com estes atos.

2

Enquadramento Teórico

2.1 - Terminologia da palavra *Bullying*

Nos últimos anos, não só em Portugal, como também um pouco por todo o mundo o *Bullying* tem vindo a alastrar a um ritmo alucinante.

Dan Owelus (1993) define, “Agressividade/*Bullying*, por comportamentos agressivos, de intimidação e que apresentam um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente. No conceito de *Bullying* está contida a agressão individual e em grupo.”

Na literatura científica internacional, o fenómeno é identificado por “*Bullying*.” (Smith & Thompson, 1991).

Na Noruega e Dinamarca, assim como na Suécia e Finlândia, o *Bullying* ou *bully/victim* era identificado inicialmente por “*mobbing*”. (Owelus,1993). Na Itália foi utilizado o termo “*prepotência*” (Genta & al., 1996) e em Espanha “*intimidacion*”, “*maltrato*” e “*violência*”. (Ortega, 1994 a). Mas a designação na língua Portuguesa carece de um conceito que identifique simultaneamente os atributos de personalidade dos sujeitos que associamos aos incidentes agressivos e características que os comportamentos desses mesmos sujeitos assumem.

Outros termos utilizados para caracterizar a palavra *Bullying* são: agredir, vitimizar, violentar, maltratar, humilhar, intimidar, assédio sexual ou abuso, o “fazer mal”, “meter-se com”, “chatear”, etc. Assim tal como Pereira (2002), adotamos o termo “*Bullying*”, associado ao termo agressividade, por não conseguirmos uma tradução fiel, cujo sentido seja a agressão deliberada entre iguais.

Owelus (1991), define o *Bullying* ou vitimação numa perspetiva abrangente: “um estudante é vítima de *Bullying*, quando ele ou ela está exposto repetidamente ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes.”

“O “*Bullying*”, parte pois de uma vontade consistente e desejo de magoar ou amedrontar alguém quer fisicamente, quer verbalmente quer psicologicamente.” (Smith & Sharp, 1994, citado por Pereira 2002). Os mesmos autores descrevem o *Bullying*, “como um comportamento que poderia ser físico, verbal, tendo um efeito de “etiquetagem” para a vítima.”.

Como não existe na língua Portuguesa uma tradução para a palavra inglesa *Bullying*, capaz de expressar todas as situações possíveis que o vocábulo denota, optou-se por manter o termo original inglês.

No uso coloquial entre falantes de língua inglesa, o *Bullying* é frequentemente utilizado para descrever uma forma de assédio interpretado por alguém que está, de alguma forma, em condições de exercer o seu poder sobre alguém ou sobre outro grupo de pessoas mais fracas.

Dan Owelus (1994), cientista Norueguês, define o *Bullying* em três termos essenciais:

1. O comportamento é agressivo e negativo
2. O Comportamento é executado repetidamente
3. O Comportamento ocorre num relacionamento onde há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Segundo este mesmo autor o *Bullying* divide-se em duas categorias.

1. *Bullying* Direto
2. *Bullying* Indireto, também conhecido como agressão social.

O *Bullying* direto é a forma mais comum entre os agressores (indivíduos bullies) masculinos.

É importante realçar, como já foi evidenciado, que o *Bullying* é uma agressão entre pessoas iguais, ou seja, adolescentes, crianças, adultos, que partilham os mesmos espaços físicos, que tem idades semelhantes ou aproximadas.

Não se está a falar, pois, de agressão entre pessoas jovens contra idosos e vice-versa, entre facções religiosas, políticas, ou discriminatórias contra determinados subgrupos sociais. Essa agressão entre iguais, só aumenta a urgência do estudo e uma intervenção junto das vítimas que por estas experiências passam.

O que se quer chamar de igual são: As crianças, os adolescentes da mesma idade, ou de idades aproximadas e que dividem o mesmo espaço, ou seja, a sala de aula, o recreio ou a escola como um todo.

Até à alguns anos atrás e ainda, nos dias de hoje, em alguns lugares infelizmente, estas atitudes agressivas e intencionais eram vistas como sendo uma “fase”, “brincadeiras”, “coisas de jovens”, “coisas que todos passam por isso na vida”.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

A gravidade desta situação começou a ser estudada na década de 70, tendo uma abordagem mais intensa na década de 1980, com um professor da Universidade de Bergen na Noruega, Dan Olweus, que percebeu um alto índice de suicídios entre estudantes, a princípio, devido a situações de *Bullying* que viveram na escola.

Segundo a ABRAPIA (2010), tudo teve início com o trabalho do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen na Noruega (1978 a 1993) e com a campanha nacional *anti-bullying* nas escolas norueguesas (1993).

No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas. Já na década de 80, três rapazes entre os 10 e os 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de *Bullying*, despertando então a atenção das instituições de ensino para o problema.

Devido a esse episódio, e com a intervenção do tema naquele país, as instituições pedagógicas sociais, observaram a grande importância da questão tratada, avançando com a sua proposta de intervenção para outros países escandinavos, e também no Reino Unido, Espanha, Itália, Portugal e em outros países do globo.

“O *Bullying* nas escolas, é assim um problema que tem vindo a ser objeto de estudo na Europa, na América e no Japão, e a sua gravidade e implicações, levaram à realização de estudos por todo o mundo. Estes estudos começaram por ser realizados na Noruega e na Suécia” (Dan Olweus, 1979, 1989, citado por Pereira, 2002), pioneiro destes estudos que se baseavam na opinião dos alunos, onde se verificou que 15% dos estudantes, tinham estado envolvidos em incidentes de agressão /vitimização.” (Olweus, 1989, citado por Pereira, 2002).

Como observado por Olweus, o suicídio foi um fator importante para o diagnóstico do problema. Contudo, hoje, pesquisadores que estudam o fenómeno, incluindo o próprio Olweus, garantem que além do suicídio existem outros fatores, outras marcas relevantes que ficarão e se perpetuarão na vida do indivíduo, que ora foi agressor, ora foi vítima de *Bullying*.

2.2 - Indivíduos Agressores/ *Bullies*

De acordo com Berger, 2007, os agressores, chamados *bullies*, são aquelas pessoas que agredem outras. Usam inúmeras táticas para praticar *Bullying*, desde a

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

agressão direta, caracterizada então, por socos, pontapés, empurrões, gritos, puxões, etc, com a intenção de expor a pessoa ao ridículo, como também por agressões indiretas, caracterizadas pelos boatos, fofocas, criação de imagem de uma certa pessoa (a vítima), que não é verdadeira, revelação de um segredo, excluir alguém ou outras pessoas do grupo ou do convívio com outros jovens, crianças, adultos, chantagem, ameaças, etc.

Com base nos estudos de vários investigadores, chega-se a uma primeira observação: Violência é o ato voluntário intencional.

“Geralmente os agressores são mais fortes (fisicamente), recorrem ao uso de uma arma branca, ou tem um perfil violento e ameaçador. As vítimas frequentemente não estão em posição de se defenderem ou de procurar auxílio” (Pereira, 2002).

Os indivíduos *bullies* usam principalmente uma combinação de intimidação e de humilhação, para atormentar as suas vítimas, tais como: Insultar a vítima; Acusar sistematicamente a vítima de não servir para nada; Ataques físicos repetidos contra o corpo de uma pessoa, seja contra o corpo dela ou propriedade, interferir com a propriedade pessoal de uma pessoa, livros ou material escolar, roupas, entre outros, na maior parte das vezes danificando estes mesmos objetos.

Espalhar rumores negativos sobre a vítima, depreciá-la sem quaisquer motivos aparentes, ameaçando a vítima para seguir as suas ordens.

Colocar a vítima em situações problemáticas com alguém, geralmente uma autoridade, ou conseguir uma ação disciplinar contra a vítima, por algo que ela não cometeu ou que foi exagerado pelo *bullies*.

O uso de tecnologias de informação para praticar *cyberbullying*, ou seja, criar páginas falsas sobre a vítima em sites de relacionamento, colocar nestas páginas declarações falsas sobre a vítima, com o intuito de denegrir a sua imagem e baixar cada vez mais a sua autoestima, também são considerados atos de *Bullying*.

Chantagem, expressões ameaçadoras, grafitagem depreciativa sobre a vítima.

Usar e abusar do sarcasmo evidente para se fazer passar por amigo da vítima, perante uma pessoa de fora, enquanto assegura o controlo e a posição em relação à vítima.

Estes atos normalmente ocorrem com frequência, logo após o indivíduo bully avaliar que a pessoa é uma vítima perfeita.

Bullying difere de outros tipos de comportamento negativo no que é: Agressividade e intencionalidade de fazer mal; Usado repetidamente por um período de

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

tempo frequentemente entre dois indivíduos específicos ou grupos caracterizados por um desnível de poder – um mais poderoso e o outro mais fraco ou vulnerável.

Em Portugal a palavra *Bullying*, é ainda desconhecida para muitos, mas cada vez a mais investigadores portugueses se debruçam sobre o tema, entre os quais, Professor Dr^a Nery, Professora Dr.^a Amália Rebolo, Professor Dr^o Carlos Neto entre outros.

Por exemplo o Projeto “Desporto sem Bullying” é um projeto de investigação-ação que sensibiliza as comunidades educativa e desportiva sobre *Bullying* na formação desportiva, promovendo a intervenção direta através de 3 estratégias fundamentais – criação de ferramentas (*guidelines* e manuais), formação de treinadores e intervenção especializada nos clubes (com ações de consultoria ou desenvolvimento e implementação de planos *Anti-Bullying*). Este projeto tem como equipa principais o Professor Dr. Carlos Neto, professor Dr. António Rosado e o Dr. Miguel Nery, conta também com a colaboração Professora Dr.^a Beatriz Pereira, Professora Dr.^a Amália Rebola, entre outros.

Mas, por exemplo nos Estados Unidos, o *Bullying* atingiu proporções preocupantes.

Segundo os dados do National Association of School Psychologists, de 2008, uma em cada sete crianças norte-americanas em idade escolar é um indivíduo *bullie*, ou seja, agressor.

Estes números tornam-se ainda mais surpreendentes, quando compreendemos que estas agressões prejudicam os resultados académicos de 22% dos estudantes do 4^o ao 8^o ano.

“Diversos trabalhos internacionais, têm demonstrado que a prática de *Bullying* pode ocorrer a partir dos 3 anos de idade, quando a intencionalidade desses atos já pode ser observada.” (Abrapia, 2005)

No *Bullying* estes indivíduos utilizarão a sua superioridade física, atlética e cronológica, contra outros indivíduos mais fracos e que não tenham tanto reconhecimento social, como forma deles próprios adquirirem ascensão social.

Como é demonstrado em alguns estudos, inacreditavelmente, pessoas agressoras tendem a serem admiradas e a ter um excelente estatuto social dentro da escola.

As crianças agressoras foram descritas como se transcreve:

“Bem extrovertidas e socialmente confiantes, demonstram muito pouco nervosismo ou culpa, que muitos conseguem ajustar aos seus próprios ideais como

sendo dominantes, poderosos dentro dos seus próprios grupos com seus pares.” (Smith & Sharp, 1994).

Há uns anos atrás, um Professor norte-americano de nome Alan L. Beane e pai, de um filho vítima de *Bullying*, que acabou por falecer aos 23 anos de idade, por consumo de drogas, lançou um livro de nome «A Sala de Aula Sem *Bullying*» editado pela Porto Editora e apresentado em Portugal nessa mesma altura.

Este livro retracta casos de *Bullying* e tem mais de cem sugestões para os professores combaterem este problema.

“Depois de algum tempo as vítimas de *Bullying* tornam-se ansiosas e deprimidas. Perdem a autoestima e começam a pensar que se calhar merecem ser mal tratadas” (Beane, 2006).

A depressão pode até levar ao suicídio e, segundo o especialista em Educação, professor coordenador, isto acontece mais do que se pensa, ou seja, cerca de 30 % dos suicídios juvenis são por causa do *Bullying*.

Qualquer criança pode ser vítima de *Bullying*, mas aquelas que são diferentes, ou não se encaixam, são normalmente mais vitimizadas.

As crianças com deficiências físicas podem ser alvo de *Bullying*, como aquelas que são muito bonitas e populares na escola.

Já o perfil dos agressores é mais fácil de identificar. “Os bullies são crianças arrogantes, conflituosas e que adoram ganhar “ (Beane, 2008).

A partir do momento em que sentem que podem e conseguem magoar as suas vítimas, fazendo-as chorar, ou ficar irritadas, parece não haver fim.

2.3 - Diferença entre os sexos *Bullying*

Segundo um artigo de 2013, sem referência do autor, no portal da Educação, refere que *Bullying* varia em função sexo, ou seja, o sexo masculino tem tendência a praticar mais o *Bullying* direto, ameaçando e agredindo as suas vítimas. “A agressão direta é usada conforme diversos autores, muito mais por meninos do que por meninas.” (Simmons, 2004).

Já as raparigas vão por outro caminho, o chamado *Bullying* social, que é realizado através de ofensas, boatos negativos e rejeição.

“A diferença dos meninos para as meninas é que, enquanto os meninos utilizam mais agressão direta, as meninas agressoras, utilizam agressões indiretas para atacar os seus alvos. As agressões indiretas são caracterizadas pela ausência de confrontos diretos com a pessoa, ou seja, ao invés de se utilizar métodos que caracterizam a agressão masculina como bater, gritar, empurrar, as meninas utilizam outros meios como excluir outras pessoas de um grupo, espalhar boatos, fazer fofocas, encarar com olhares devassos e mal-intencionados, com o intuito de informar a pessoa, através dos olhos, seu nojo, asco, horror, repugnância, desdém, aversão, aborrecimento e arrogância para com ela.” (Pereira, 2002; Fante, 2005).

Segundo Beane (2006), que refere que “não existe uma razão específica que explique porque uma criança se pode tornar num bully, mas os fatores ambientais podem conduzir ao desenvolvimento destes comportamentos.”

Como hipóteses para a resolução deste problema, é necessário que as vítimas destes actos tentem evitar cruzar-se com os seus agressores, não andarem sozinhos e terem várias atividades extra curriculares, para poderem fazer mais amigos, a fim de aumentarem a sua autoconfiança e melhorarem a sua autoestima.

2.4 - Papel dos Pais e Professores

Os Pais têm um papel preponderante, uma vez que lhes cabe a tarefa de incentivar as crianças a terem um amigo, que as possa ajudar, evitando assim possíveis agressões, confrontos e desvantagens.

Quanto aos Professores têm também um papel importante na prevenção do *Bullying*, como por exemplo, desenvolver na escola um ambiente favorável à comunicação entre alunos, professores, funcionários, acabando assim com a conotação negativa de “queixinhas”, favorecendo os pedidos de ajuda por parte das vítimas.

Maria José Maya, Professora numa das escolas da região de Lisboa refere que “é imperativo não fechar os olhos, pois ao fazê-lo estamos a fechar os olhos à agressão.” (Maya, 2008), o que faz todo o sentido, uma vez que se houver diálogo entre todas as partes, de certeza que se consegue evitar muitos atos de *Bullying*, agora se fecharmos os olhos a estas situações, obviamente que o número de atos de *Bullying* será muito mais elevado e possivelmente o número de suicídios juvenis irá também aumentar drasticamente.

2.5 - Identificação das vítimas

Começamos por analisar um caso retirado do livro escrito por Cleo Fante, 2005: “Miriam era uma boa aluna, tirava excelentes notas...Algumas colegas, com ciúmes, resolveram se unir para interferir nas suas amizades. Espalharam boatos de que ela era “sapatão”. Logo as suas amigas começaram a afastar-se dela...Sem saber o que estava a acontecer, ela aproximava-se delas para melhorar os relacionamentos. Convidava as colegas para irem ao centro comercial ou ao cinema, mas elas arranjavam desculpas para não irem...Aos poucos, Miriam foi-se isolando e, quando deu conta, já tinha sido excluída de todo o grupo...Somente percebeu o que estava a acontecer quando viu, no muro da escola escrito: “Miriam = sapatão”. Hoje, adulta, Miriam tem dificuldade em relacionar-se e a todo o momento faz questão de demonstrar sensualidade, às vezes chegando mesmo à vulgaridade. Segundo ela, trata-se de uma estratégia para mostrar que realmente é mulher.” (Fante, 2005).

Neste caso podemos perceber que existem fatores muito relevantes sobre o *Bullying*. O primeiro diz respeito à agressão dissimulada existente entre colegas. O uso de boatos para magoarem a vítima, considerados uma forma de agressão, que evita o confronto direto, sendo assim difícil de ser confrontado de forma direta também, pois uma vez que já vimos que as agressoras acabariam por revelar o seu lado mau. Outro fator relevante, é o facto do impacto que este episódio teve na vida da jovem, que hoje utiliza máscaras para transparecer algo que não é. Este foi apenas um exemplo de como uma ex vítima, passou o seu futuro e move as suas ações de hoje, com base naquilo que ela viveu no passado.

Uma técnica *Bullying* utilizada mutuamente, tanto por mulheres como por homens é o uso de apelidos pejorativos ou alcunha. Como consequências desse tipo de violência psicológica, ocorre aquilo, a que Fante já nos dizia e que se mostrou na prática com o caso de Miriam: Para não ter que passar pelo mesmo trauma novamente, para não ter que ser chamada novamente pelo mesmo apelido, a vítima desenvolve mecanismos, não para superar a realidade difícil do passado, mas sim, se transformar no oposto daquilo da qual a pessoa foi rotulada. Neste sentido, fica complicado, quando, como,

nos revela Phiper “... Você só aguenta o desdém dos outros até certo ponto; depois começa a acreditar no que eles dizem” (Phiper, 1998).

O que é importante salientar, é que o ataque pode vir a qualquer momento e a vítima sente-se como se a todo o momento estivesse insegura, como se fosse apanhada desprevenidamente a qualquer instante. E quanto mais demonstra seu amedrontamento perante a situação, mais os agressores vêem uma potencial vítima, assim como se “ um pequeno ganso ao ser inserido noutra família, tem medo dos estranhos e, quanto mais medo mostra, mais atacado é” (Pereira, 2002).

2.6 - As Vítimas – Agressoras e os *Bullies* Assistentes

As vítimas – agressoras são caracterizadas pelos alunos que agredem outros, mas ao mesmo tempo, também são ou foram vítimas. Oscilam entre serem vítimas, espectadores ou agressores. São aqueles indivíduos que respondem prontamente a alguma agressão, a alguma indireta que seja dirigida a eles, como outra forma de agressão, por isso são considerados ao mesmo tempo vítimas – agressoras.

Segundo Almeida (1995, citado por Pereira, 2002) as crianças agressivas são mais populares do que as vitimas. São relativamente rejeitadas, mas geralmente tem um, dois ou três amigos que o apoiam nas práticas agressivas, dificilmente são crianças isoladas socialmente.

3

Metodologia

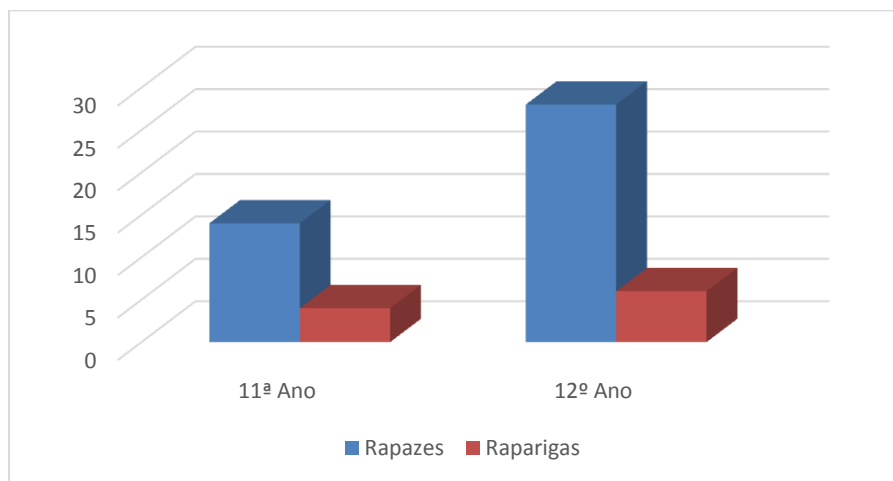
3.1 - Amostra

A amostra foi constituída por 34 jovens de ambos os sexos, sendo 82% (n= 28) do sexo masculino e 18% (n= 6) do sexo feminino, a frequentar o 11º e12º anos de uma Escola Secundária, no concelho do Montijo

Tabela I – Amostra em função do sexo e do ano de escolaridade

Ano de escolaridade	Alunos	Rapazes	Raparigas
11ª Ano	18	14	4
12º Ano	16	14	2
Total	34	28	6

Gráfico I – Amostra em função do sexo e do ano de escolaridade



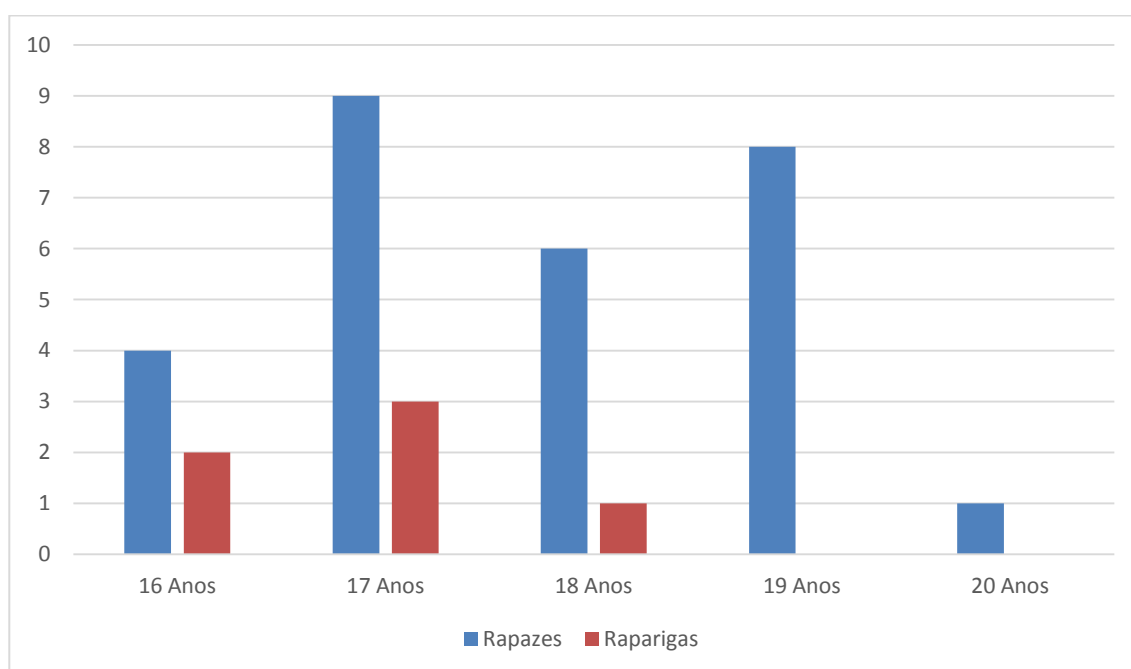
BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

O intervalo de idades nos jovens situou-se entre os 16 e os 20 anos (média= 17,64 anos; SD=1,2 anos). Sendo a idade mais representada os 17 anos, com 12 jovens, verificando-se 6 jovens com 16 anos, 7 jovens com 18 anos, 8 jovens com 19 anos e apenas 1 jovem com 20 anos.

Tabela II – Amostra em função das idades e do sexo

Idade	Alunos	Rapazes	Raparigas
16 Anos	6	4	2
17 Anos	12	9	3
18 Anos	7	6	1
19 Anos	8	8	0
20 Anos	1	1	0

Gráfico II – Amostra em função das idades e do sexo



3.2 - Instrumento Utilizado

O instrumento utilizado para a avaliação foi, o questionário sobre o *Bullying* validado por Merlim (2011).

O questionário é composto por vinte e quatro questões, que estão distribuídas por três blocos.

O bloco I é composto por sete questões, que servem para se conhecer melhor os inquiridos, mais precisamente, as suas idades, sexo, nível de escolaridade, anos de pré-escolar, retenções e agregado familiar.

O bloco II, pretende conhecer a percentagem de alunos, vítimas de *Bullying*, os tipo de agressões existentes e mais comuns, locais onde são realizadas, periodicidade das mesmas, o conhecimento que têm os seus agressores, a quantidade de vezes que foram agredidos, o número de envolvidos, se houve professores/funcionários a tentar evitar este tipo de agressões, se as vítimas contaram a alguém ou se presenciaram e se tentaram de certa forma interceder pela vítima para que esta não fosse agredida por outros.

No último bloco, bloco III, tentou-se saber, quantas vezes é que o inquirido agrediu alguém na escola, se foi para se defender, porque o irritaram, motivações por detrás destes atos e se alguma vez tomou parte em agressões por parte de outros jovens, a colegas ou se era capaz de ajudar alguém a agredir outro colega.

3.3 - Procedimentos

O questionário foi aplicado no decorrer do 2º Período, numa aula de Educação Física (12º ano) e numa aula de Estudo do Movimento (11º ano), e contamos com a colaboração da professora orientadora de estágio.

A recolha dos questionários foi imediata à sua realização.

Dado que a escala de resposta do nosso questionário possui as opções "nenhuma", "1 ou 2 vezes", "3 ou 4 vezes" e "5 ou mais vezes", e tendo em conta o critério da repetição sistemática dos comportamentos ao longo do tempo, vamos

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

considerar como situações ou episódios de *Bullying* apenas as respostas "3 ou 4 vezes" e "5 ou mais vezes". Tal opção serve para diferenciar as situações de *Bullying* das agressões que ocorrem de modo mais ocasional ("1 ou 2 vezes").

Assim, tomou-se como referência Pereira (2008) que defende que apenas devem ser consideradas as situações de vitimização e de agressão que ocorrem de forma persistente, para não correr o risco de considerar que todos os tipos de violência ocorridos na escola são objetivamente *Bullying*.

De acordo com a autora, os alunos que respondem que nunca foram agredidos ou que foram uma ou duas vezes, não devem ser considerados vítimas de *Bullying*, mas sim aqueles que foram agredidos de forma mais persistente (3 ou mais vezes).

Relativamente às respostas "1 ou 2 vezes" quer nas questões da vitimização quer nas da agressão, os sujeitos que as assinalaram serão considerados como "sem envolvimento considerado significativo" pelo que estas respostas serão equiparadas à opção "nenhuma".

Perante esta nossa tomada de posição, sentimos a necessidade de definir, de acordo com as respostas às questões relativas à participação em comportamentos de *Bullying*, três grupos de envolvimento: "não envolvidos", "vítimas" e "agressores".

Assim sendo, os "não envolvidos" responderam "nenhuma" ou "1 ou 2 vezes" tanto na vitimização como na agressão.

As "vítimas" responderam "3 ou 4 vezes" ou "5 ou mais vezes" na vitimização, "nenhuma" ou "1 ou 2 vezes" na agressão.

Por fim, os "agressores" responderam "3 ou 4 vezes" ou "5 ou mais vezes" relativamente à agressão e "nenhuma" ou "1 ou 2 vezes" na vitimização.

3.4 - Procedimentos Estatísticos utilizados

Para efeitos de análise e tratamento estatísticos dos dados recolhidos foram submetidos a processamento eletrónico, usando-se o *Software Statistical Package for the Social Sciences- (SPSS) - Windows (versão 23.0)*.

Para a comparação entre sexos e anos de escolaridade nas várias variáveis, procedeu-se a uma análise do qui-quadrado de Pearson e a uma simulação pelo método de Monte Carlo, com correção de *Fisher*, quando os pressupostos do qui-quadrado não foram assegurados.

4

Apresentação dos resultados

4.1 - Tipo de envolvimento dos alunos em situações de *Bullying*

Tal como referido anteriormente, iremos definir três grupos de envolvimento: "Não envolvidos", "vítimas" e "agressores".

A tabela III, mostra a distribuição das frequências entre as categorias de papéis de *Bullying* em função do sexo.

Ao analisarmos a mesma, e tendo em conta, o processo de definição de categorias, podemos observar que o grupo de "agressores" foi composto por 9% (n=3), sendo a sua totalidade do sexo masculino.

O grupo das "vítimas" fez 6% (n=2) sendo 3% (n=1) rapaz e 3% (n=1) rapariga.

Por fim, observa-se que 85% (n=29) se encontram no grupo de "não envolvidos", sendo 70% (n=24) do sexo masculino e 15% (n=5) do sexo feminino

Diferenças entre os sexos nas categorias

O χ^2 de *Fisher* obtido pelo método de simulação de Monte Carlo, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os sexos nos diferentes papéis de *Bullying* ($p=.383$).

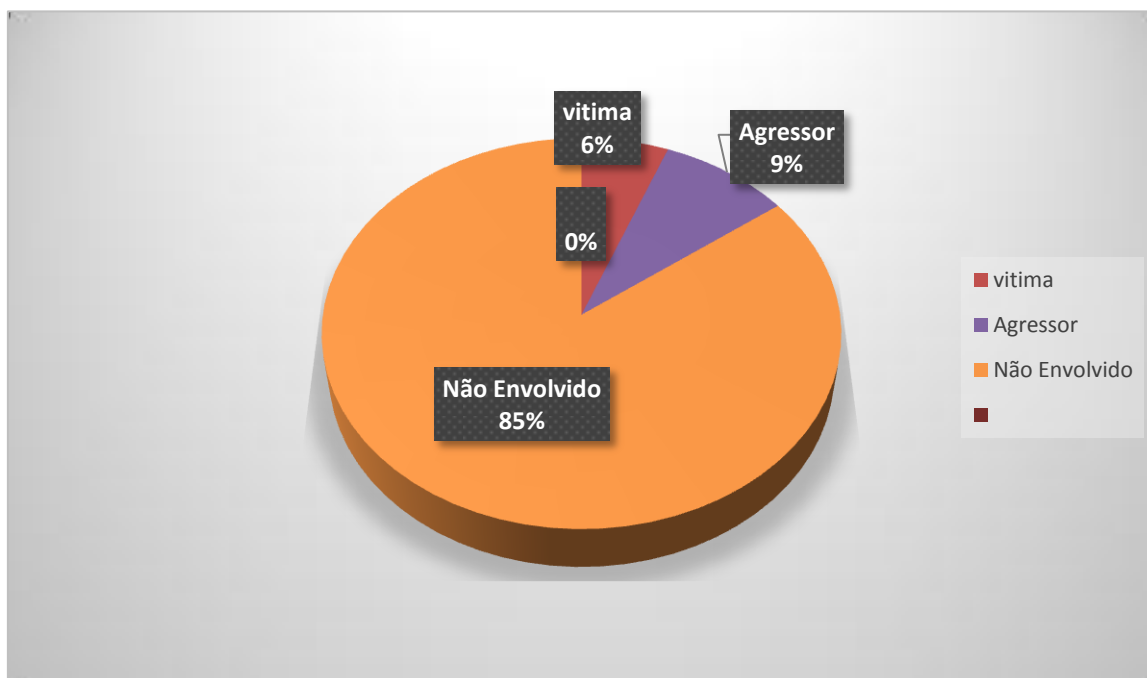
Tabela III - Tipo de envolvimento em situações de *Bullying* em função do sexo

Sexo	Vítima	Agressor	Não envolvido	Total
Rapaz	1 (3%)	3 (9%)	24 (70%)	28 (82%)
Rapariga	1 (3%)	0 (0%)	5 (15%)	6 (18%)
Total	2 (6%)	3 (9%)	29 (85%)	34 (100%)

No gráfico III podemos observar a prevalência do tipo de envolvimento de acordo com a informação da Tabela III.

Com base neste gráfico, podemos afirmar que a prevalência de *Bullying* neste estudo é de 9% (gráfico III).

Gráfico III - Tipo de envolvimento em situações de *Bullying* em função do sexo



4.2 - Tipo de envolvimento em situações de *Bullying* por ano de escolaridade

A tabela IV mostra a distribuição das frequências entre as categorias de papéis de *Bullying* por ano de escolaridade.

Ao examinarmos a tabela IV, verificamos que as vítimas correspondem a 6% (n=2), os agressores a 9% (n=3) e os não envolvidos a 85% (n=29), em ambos os anos de escolaridade.

Os alunos do 12º ano de escolaridade, assumem-se mais como agressores, 6% (n=2), enquanto os do 11º ano de escolaridade, apenas um aluno se caracterizou como tal, 3% (n=1). Já em relação às vítimas são os alunos do 11º ano de escolaridade que se assumem 6% (n=6), no que diz respeito ao não envolvimento, os alunos do 11º ano de escolaridade 44% (n=15) e os alunos do 12º ano de escolaridade 41% (n=14).

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

O χ^2 de Fisher obtido pelo método de simulação de Monte Carlo, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os anos de escolaridade relativamente ao tipo de envolvimento ($p=.610$).

Tabela IV -Tipo de envolvimento em situações de Bullying por ano de escolaridade

Ano	Vítima	Agressor	Não envolvido	Total
11º Ano	2 (6%)	1 (3%)	15 (44%)	18 (53%)
12º Ano	0 (0%)	2 (6%)	14 (41%)	16 (47%)
Total	2 (6%)	3 (9%)	29 (85%)	34 (100%)

Gráfico IV -Tipo de envolvimento em situações de Bullying 11º ano de escolaridade

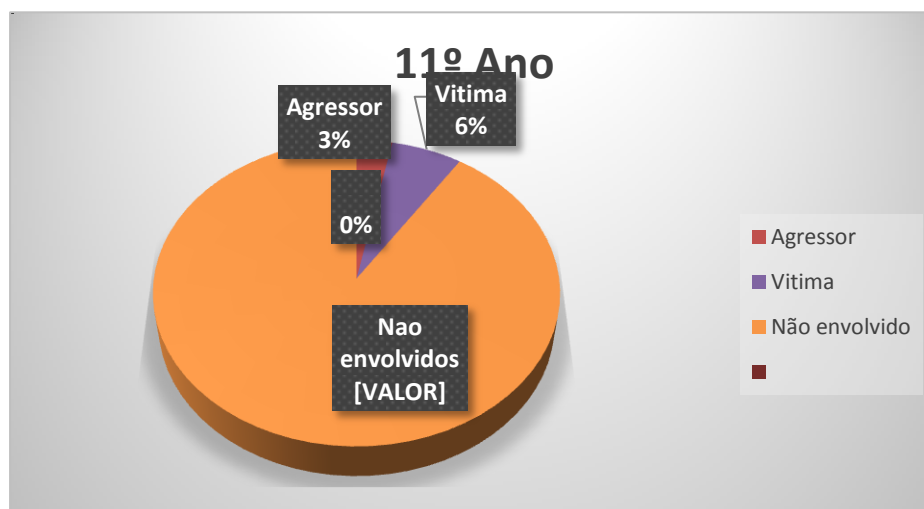
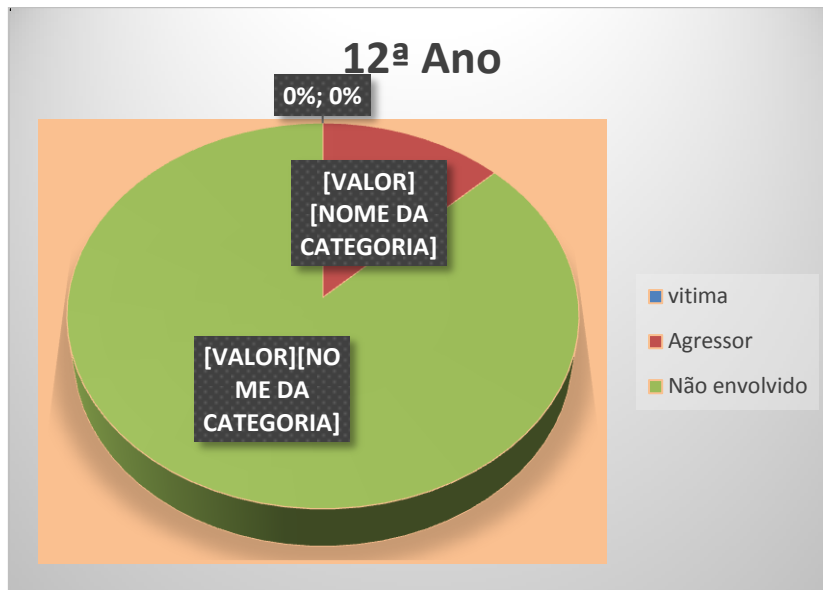


Gráfico V - Tipo de envolvimento em situações de *Bullying* 12º ano de escolaridade



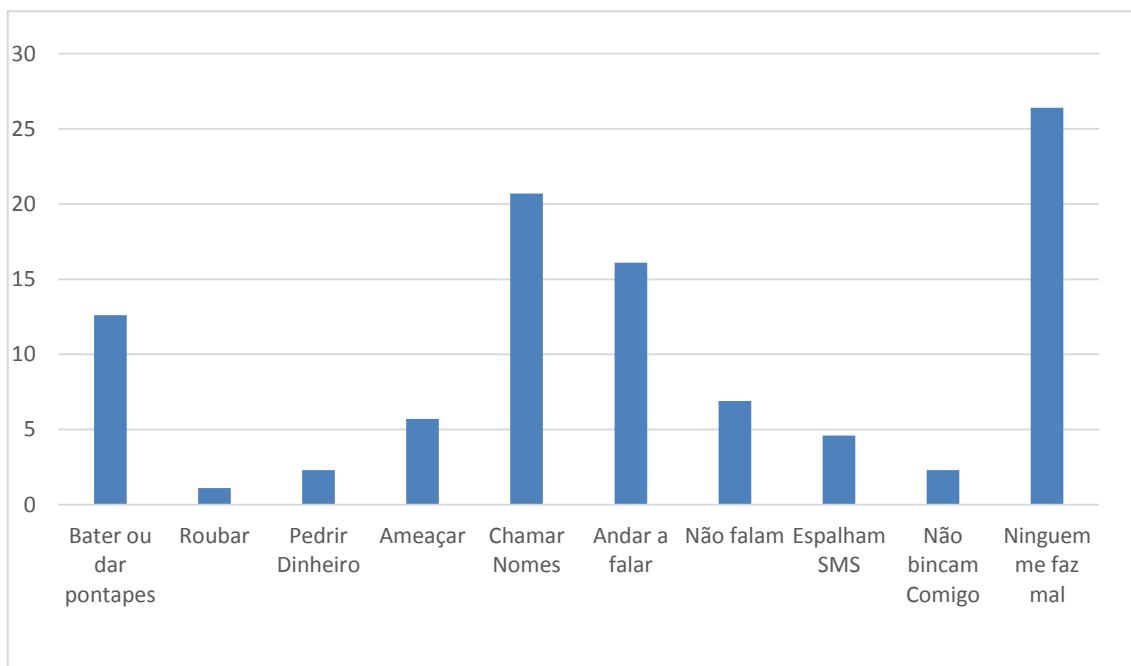
4.3 - As diferentes formas de *Bullying*

Relativamente às diferentes formas de *Bullying* (tabela V), verificou-se que o verbal foi o mais frequente, na sua forma direta, "chamar nomes", com 20,7% (n=18) e na sua forma indireta "Falar de mim, dizer segredos" com 16,1% (n=14). De seguida, surge o *Bullying* físico, "Bater, dar murros e pontapés" com 12,6% (n=11) seguido do "Não falar comigo", com 6,9% (n=6). "Ameaçar, meter medo" foi reportado por 5,7% (n=5) enquanto "Espalhar mensagens (sms)" por 4,6% (n=4). As formas, "Pedir dinheiro e não devolver" e "Não brincar comigo e deixarem-me sozinho", foram assinaladas 2,3% (n=2), enquanto "Roubar" e "Insultar pela cor ou raça" corresponde a 1,1% (n=1) das sinalizações.

Tabela V - Forma de Vitimização

	Respostas		Percentagem de Casos
	Nº	Percentagem	
Bateram-me deram-me murros e pontapés	11	12.6%	22.0%
Roubaram-me	1	1.1%	2.0%
Pediram-me dinheiro emprestado e não me devolveram	2	2.3%	4.0%
Ameaçaram-me, meteram-me medo	5	5.7%	10.0%
Chamaram-me nomes feios	18	20.7%	36.0%
Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim	14	16.1%	28.0%
Não falam comigo	6	6.9%	12.0%
Espalham mensagens (sm) via telemóvel ou internet para me fazerem mal	4	4.6%	8.0%
Insultaram-me pela minha cor ou raça	1	1.1%	2.0%
Não brincam comigo e deixam-me sozinho	2	2.3%	4.0%
Ninguém me fez mal	23	26.4%	46.0%
Total	87	100.0%	174.0%

Gráfico VI - Forma de vitimização



Os rapazes queixam-se mais de formas diretas de *Bullying* "Bater, dar murro e pontapés" (23,8%; n=10) e "Chamar nomes feios" (19%; n=8). De seguida, surgem o "Ameaçar, meter medo" e o "Falar de mim, dizer segredos" ambos com 7,1% das escolhas (n=3) e "Não falar comigo" com 4,8% (n=2). "Roubar", "Pedir dinheiro e não devolver" e "Não brincar comigo e deixarem-me sozinho", com 2,4% (n=1) cada um. Por fim com 0% (n=0) Espalham mensagens (sms) via telemóvel ou internet para me fazerem mal e Insultaram-me pela minha cor ou raça.

Já o sexo feminino reporta mais agressões indiretas e relacionais como "Falar de mim, dizer segredos" com 24,4% (n=11). Também o *Bullying* direto sob a forma de "Chamar nomes feios" surge fortemente representado com 22,2% (n=10). Seguidamente continuam as formas indiretas de agressão como, "Não falar comigo" e "Espalhar mensagens sms)" com 9% (n=4). "Ameaçar, meter medo" foi reportado por 4,4% (n=2) e as restantes formas equivalem a 2,2% (n=1) das escolhas. Por fim com 0% (n=0) Roubaram-me.

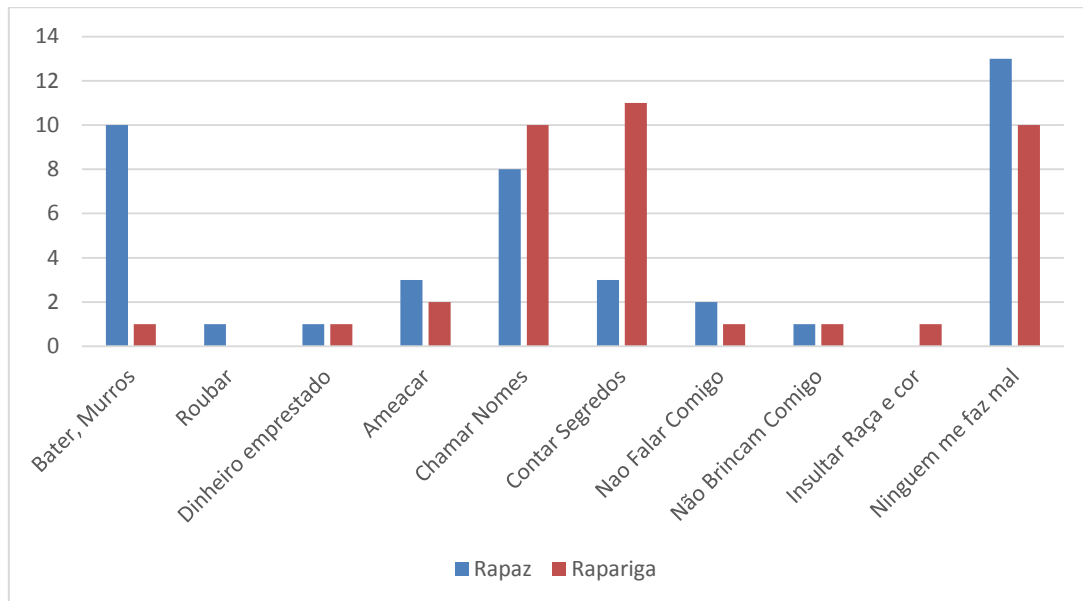
Diferenças entre os sexos

O χ^2 de *Pearson*, revelou diferenças estatisticamente significativas entre os sexos, mostrando que os rapazes utilizaram mais o bater, dar murros e pontapés ($p=0,006$), enquanto as meninas utilizaram mais o falar de mim, dizer segredos ($p=0,005$). Não há diferenças entre os sexos relativamente ao chamar nomes feios ($p=0,382$).

Tabela VI - Formas de Vitimização em função do sexo

	Rapaz	Rapariga	Total
Bateram-me deram-me murros e pontapés	10	1	11
Roubaram-me	1	0	1
Pediram-me dinheiro emprestado e não me devolveram	1	1	2
Ameaçaram-me, meteram-me medo	3	2	5
Chamaram-me nomes feios	8	10	18
Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim	3	11	14
Não falam comigo	2	4	6
Espalham mensagens via telemóvel ou internet para me fazerem mal	0	4	4
Insultaram-me pela minha cor ou raça	0	1	1
Não brincam comigo e deixam-me sozinho	1	1	2
Ninguém me fez mal	13	10	23

Gráfico VII - Forma de vitimização em função do sexo



Na tabela VII pode verificar-se que no 11º ano de escolaridade reportam o "Chamar nomes", como a forma de *Bullying* mais frequente, com 33.3% (n=6) no 12º ano de escolaridade o mais frequente foi "Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim" e " Pediram-me dinheiro emprestado e não me devolveram ", ambas com 6.25% (n=1).

No 11º ano de escolaridade com 16.6% (n=3), "Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim". Com percentagem 11% (n=2), identificam a forma de agressão indireta "Falar de mim, dizer segredos" e também com a mesma percentagem "Não falam comigo".

Pode-se verificar que em ambos os anos de escolaridade, a resposta mais dada foi, "Ninguém me fez mal", com uma percentagem de 55.5% (n=10) para o 11º ano de escolaridade e de 87.5% (n=14) para o 12º ano de escolaridade.

Diferenças entre os anos de escolaridade

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os anos de escolaridade quer em relação ao bater, dar murros e pontapés ($p=1,000$, quer em relação ao falar de mim, dizer segredos ($p=0,754$), nem em relação a chamar nomes feios ($p=0,769$).

Tabela VII - Formas de Vitimização em função do ano de escolaridade

	11º Ano	12º Ano	Total
Pediram-me dinheiro emprestado e não me devolveram	2 (11%)	1 (6,25%)	3
Chamaram-me nomes feios	6 (33,3%)	0 (0,0%)	6
Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim	6 (33,3%)	1 (6,25%)	4
Não falam comigo	2 (11%)	0 (0,0%)	2
Ninguém me fez mal	10 (55.5%)	14 (87,5%)	24

4.4 - Locais de Agressão

Na tabela VIII, encontram-se os dados referentes aos locais mais frequentes de *Bullying*. O recreio escolar foi o local onde se verificaram mais episódios de *Bullying* com 36,9% (n=24), seguido da sala de aula e dos corredores e escadas com 9,2% (n=6) cada um. Os restantes locais apresentam 3,1% que representa a frequência de dois alunos.

Relativamente ao reportado pelos rapazes e raparigas, observa-se que também os recreios foram o local mais apontado para a vitimização por ambos os sexos: Rapazes 32,3% (n=11), raparigas 42% (n=13). De seguida, os rapazes reportam os corredores e escadas com 8,8% (n=3), a sala e os balneários com 5,9% (n=2), e por fim, a cantina e casas de banho com 3% (n=1).

As raparigas depois do recreio, assinalam a sala com 13% (n=4), os corredores e escadas com 9,6% (n=3) e a cantina e casas de banho com 3,2% (n=1).

Diferenças entre os locais agressão

O χ^2 de *Pearson* não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os sexos quanto ao recreio (p=0,266).

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

O χ^2 de *Fisher* obtido pelo método de simulação de Monte Carlo, não revelou diferenças estatisticamente significativas quanto aos outros locais de vitimização (corredores e escadas: $p=1,0$; sala de aula: $p=0,395$).

Tabela VIII - Locais de agressão

	Rapaz	Rapariga	Total
Em lado nenhum	14 (51,8%)	9 (39,1%)	23 (46%)
Corredores e nas escadas	3 (8,8%)	3 (9,6%)	6 (9,2%)
No recreio	11 (32,3%)	13 (42%)	24 (39,9%)
Na sala	2(5,9%)	4 (13%)	6 (9,2%)
Na cantina	1 (3%)	1 (3,2%)	2 (3,1%)
Nas casas de banho	1 (3%)	1 (3,2%)	2 (3,1%)
Nos balneários	2(5,9%)	0 (0,0%)	2 (3,1%)

Na tabela IX, demonstra os locais de agressão em função do ano de escolaridade, com 16.6% ($n=3$) no 11º ano de escolaridade temos a sala de aulas. Depois os corredores e escadas e no recreio com 5.5% ($n=1$) e noutros sítios 11.1% ($n=2$).

Os alunos do 12º ano de escolaridade apontam o recreio, com 6.25% ($n=1$). Os restantes locais não foram assinalados pelos alunos do 12º ano como locais de agressão.

Diferenças entre os locais agressão em função do ano de escolaridade

O χ^2 de *Pearson* não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os anos de escolaridade quanto ao recreio ($p=0,201$).

O χ^2 de *Fisher* obtido pelo método de simulação de Monte Carlo, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os anos de escolaridade, quanto aos outros locais de vitimização (corredores e escadas: $p=1,0$; sala de aula: $p=0,667$).

Tabela IX- Locais de agressão em função do ano de escolaridade

	11º Ano	12º Ano	Total
Em lado nenhum	13 (72,2%)	15 (93,7%)	28 (82,3%)
Corredores e nas escadas	1 (5,5%)	0 (0,0%)	1 (2,9%)
No recreio	1 (5,5%)	1 (6,25%)	2 (5,8%)
Na sala	3 (16,6%)	0 (0,0%)	3 (8,8%)
Nos balneários	1 (5,5%)	0 (0,0%)	1 (2,9%)
Noutro sítio	2 (11%)	0 (0,0%)	2 (5,8%)

4.5 - Origem de quem agride

Ao analisarmos a tabela X, as respostas à pergunta sobre a origem dos colegas que agridem, verificamos que a maioria responde que são da mesma turma (36%; n=18) enquanto 18% (n=9) responderam que são de outra turma. Também o mesmo sentido de resposta, se verifica quando analisamos as respostas mediante o sexo.

Assim, dos rapazes 29,6% (n=8) afirmam que os agressores são da mesma turma e 18,5% (n=5) que são de outra turma. Já as raparigas, 43,5% (n=10) identifica os agressores como sendo da sua turma e 17,4% (n=4) como sendo de outra turma.

O χ^2 de Fisher obtido pelo método de simulação de Monte Carlo, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os sexos quanto ao à origem da vitimização (da mesma turma: p=0,382; de outra turma: p=1,0).

Tabela X – Origem da Vitimização em função turma

		Ninguém se meteu comigo	São da minha turma	São de outra turma	
Sexo	Rapaz	14 (51,8%)	8 (26,6%)	5 (18,5%)	27
	Rapariga	9 (39,1%)	10 (43,5%)	4 (17,4%)	23
	Total	23 (46%)	18 (36%)	9 (18%)	50

Na tabela XI, é possível verificar que dos alunos do 11º ano de escolaridade, 22.2% (n=4) identificam os agressores na sua turma e 0% (n=0) em outra turma.

Os alunos do 12º ano de escolaridade 6.25% (n=1), afirmam terem sido agredidos por elementos da mesma turma e 0% (n=0) por elementos de outra turma.

O χ^2 de Fisher obtido pelo método de simulação de Monte Carlo, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os anos de escolaridade quanto à origem da agressão. (da mesma turma: p=0,919; de outra turma: p=0,909).

Tabela XI – Origem da Vitimização em função do Ano de escolaridade

		Ninguém se meteu comigo	São da minha turma	São de outra turma	
Ano	11º	14 (77,7%)	4 (22,2%)	0	18
	12º	15 (93,7%)	1 (6,25%)	1 (6,25%)	16
	Total	29 (85,2%)	5 (14,7%)	1 (2,9%)	34

4.6 - Idade dos agressores

No que diz respeito à idade, a maioria dos alunos refere que os seus agressores são da mesma idade (40%; n=20), enquanto 14% (n=7) afirmam serem mais velhos e um aluno rapaz refere que são mais novos.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

As raparigas 52.1% (n=12), refere que os agressores são da mesma idade e que 13,1% (n=3) são mais velhos.

Já os rapazes, 29,6% (n=8) assinalam os agressores da mesma idade e 14,8% (n=4) mais velhos.

O χ^2 de *Pearson*, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ($p=0,105$) e entre os anos de escolaridade ($p=0,564$) quanto aos agressores serem da mesma idade.

O χ^2 de *Fisher* obtido pelo método de simulação de Monte Carlo, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os sexos, quanto aos agressores serem mais velhos ($p=1,0$). O mesmo foi observado quanto à diferença entre os anos de escolaridade ($p=1,0$).

Tabela XII - Idade dos que agridem em função do sexo

		Ninguém se meteu comigo	São da minha idade	São mais velhos	São mais novos	
Género	Rapaz	14	8	4	1	27
	Rapariga	9	12	3	0	23
Total		23	20	7	1	50

Tabela XIII - Idade dos agressores em função do Ano de escolaridade

		Ninguém se meteu comigo	São da minha idade	São mais velhos	São mais novos	
Ano	11	14	4	1	1	18
	12	15	1	1	0	16
Total		29	5	2	1	34

4.7 - Perfil dos agressores

Pelos dados obtidos na tabela XIV, verificamos que a maioria respondeu que "Ninguém se meteu comigo" 46% (n=23). Posteriormente, observa-se que 14% (n=7) assinalou como agressor e/ou agressores "Um rapaz", "Várias raparigas" e "Rapazes e raparigas". Por fim, 12% (n=6) referem "Vários rapazes".

Observa-se também que os rapazes foram mais vitimizados por elementos do mesmo sexo (um rapaz 22,2%; n=6; vários rapazes 18,5%; n=5) e apenas um aluno reportou agressões por parte de "Várias raparigas" e por "Rapazes e raparigas".

Já as meninas referiram que foram mais agredidas por "Várias raparigas" e por "Rapazes e raparigas" 26,1% (n=6). As agressões por parte de um ou mais rapazes tiveram apenas uma sinalização de ocorrência.

O χ^2 de Fisher obtido pelo método de simulação de Monte Carlo, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os sexos quanto aos agressores serem do sexo masculino ($p=0,107$). Porém, observou-se diferenças entre os sexos, no que diz respeito às raparigas serem mais vezes agredidas por várias raparigas ($p=0,39$).

Tabela XIV - Perfil dos agressores em função do sexo

	Ninguém se meteu comigo	Um rapaz	Vários rapazes	Várias raparigas	Rapazes e raparigas	Total
Sexo Rapaz	14	6	5	1	1	27
Rapariga	9	1	1	6	6	23
Total	23	7	6	7	7	50

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Em relação aos anos de escolaridade (tabela XV), verifica-se que os alunos do 11º ano de escolaridade referem terem sido mais agredidos por vários rapazes (11.1%; n=2), seguido por rapazes e raparigas e varias raparigas com a mesma percentagem (5.5%; n=1). No 12º ano de escolaridade, só existiu uma resposta que afirmou várias raparigas (6.25%). Porém, não foram observadas diferenças entre eles em nenhuma situação ($p>0,05$).

Tabela XV - Perfil dos agressores em função do ano de escolaridade

	Ninguém se meteu comigo	Vários rapazes	Várias raparigas	Rapazes e raparigas	Total
Ano 11	14	2	1	1	18
12	15	0	1	0	16
Total	29	2	2	1	34

4.8 - Atitude dos professores e funcionários face ao *Bullying*

Analisando a tabela XVI e segundo os alunos da escola, mais de metade dos alunos não tinham opinião sobre a atitude dos professores (88.4%; n=26) e quase metade (91.8%; n=27) sobre os funcionários. Quanto aos que tinham opinião, a percentagem de alunos que afirmou que os professores ou funcionários intervinham, "quase nunca" é idêntica (10.2%, n=3) e (13.6%; n=4).

Por fim, observou-se uma diferença nas respostas quando respondem que professores e funcionários intervêm algumas vezes (professores 13.6%; n=4; funcionários 6.8%; n=2) e quando intervêm com muita frequência (professores 3.4%; n=1; funcionários 3.4%; n=1) o mesmo resultado.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Não se observaram diferenças entre os sexos nem entre os anos de escolaridade no que diz respeito a este tópico ($p>0,05$).

Tabela XVI - Atitude dos professores na opinião dos alunos

	Não Sei	Quase Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
Rapaz + Raparigas	26 (88.4%)	3 (10.2%)	4 (13.6%)	1 (3.4%)

Tabela XVII - Atitude dos funcionários na opinião dos alunos

	Não Sei	Quase Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes
Rapaz + Raparigas	27 (91.8%)	4 (13.6%)	2 (6.8%)	1 (3.4%)

4.9 - Comunicar a alguém as ocorrências de *Bullying*

Ao analisarmos as respostas ao facto de terem comunicado ou não a alguém o sucedido (tabela XVIII), verificamos que 20% ($n=13$) afirmaram ter contado aos pais, dos quais, (rapazes $n=7$; raparigas $n=6$). De seguida surgem as opções, "Sim, disse a um ou dois amigos" e "Sim, disse aos meus amigos" com 9,2% ($n=6$) cada. Com a mesma percentagem (7,7%; $n=5$) aparecem "Não disse a ninguém" e "Sim, disse a um irmão ou irmã".

Com menor frequência surgem, "Sim, disse ao professor ou diretor de turma" 6,2% ($n=4$) e "Sim, disse ao psicólogo da escola" 3,1% ($n=2$) sendo esta última opção exclusiva dos rapazes.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Tabela XVIII - Comunicar a agressão a alguém em função do sexo

	Rapaz	Rapariga	Total
Não Me fizeram Mal	14	10	24
Não Disse a Ninguém	3	2	5
Sim, disse a um ou dois amigos	3	3	6
Sim, disse aos meus amigos	2	4	6
Sim, disse ao professor ou diretor de turma	2	2	4
Sim, disse aos meus pais ou encarregado de educação	7	6	13
Sim, disse a um irmão ou irmão	2	3	5
Sim, disse ao psicólogo da escola	0	2	2

Relativamente ao ano de escolaridade (tabela XIX), observamos que os alunos do 11º ano comunicaram mais os episódios ao professor ou diretor de turma e com a mesma percentagem, “Sim, disse a um ou dois amigos”, 11.1 % (n=2), só depois vem pais e encarregados de educação, o irmão ou irmã e aos meus amigos com percentagem 5.5% (n=1)

Nos alunos do 12º ano de escolaridade, só existiu uma resposta, “não disse a ninguém” com uma percentagem de 6.25% (n=1)

Porém, não se observaram diferenças significativas de resposta entre os sexos e entre os anos de escolaridade (p=0,05).

Tabela XIX - Comunicar a agressão a alguém de acordo com o ano escolaridade

	11º Ano	12º Ano	Total
Não Me fizeram Mal	14	15	29
Não Disse a Ninguém	0	1	1
Sim, disse a um ou dois amigos	2	0	2
Sim, disse aos meus amigos	1	0	1
Sim, disse ao professor ou diretor de turma	2	0	2
Sim, disse aos meus pais ou encarregado de educação	1	0	1
Sim, disse a um irmão ou irmão	1	0	1

4.10 - Atitude perante um colega vítima

Ao analisarmos a atitude perante episódios de *Bullying* (tabela XX), verificamos que a grande maioria dos alunos chamou alguém para ajudar (31,1%; n=23) e tentou ajudar como pôde (28,4%; n=21). Outra resposta que apresentou um valor elevado, foi ajudar mesmo que não conhecesse (17,6%; n=13). Nas restantes respostas, 6,8% (n=5) afirmaram que ajudavam só se fosse um amigo e não ajudavam mas achavam que o deveriam fazer. A não defesa de um colega por medo de represálias, apresentou 5,4% (n=4) das respostas e 4,1% (n=3) afirmaram que não intervinham por não estarem envolvidos diretamente relativamente a este aspecto.

Não se observaram diferenças significativas de resposta entre os sexos e entre os anos de escolaridade ($p=0,05$).

Tabela XX Atitude perante um colega vítima em função do sexo

	Rapaz	Rapariga	Total
Nada, não é nada comigo	3	0	3
Nada, mas acho que deveria ajudar	2	3	5
Nada porque podem vingar-se em mim	3	1	4
Tento ajudá-lo ou ajudá-la como posso	9	12	21
Chamo alguém para ajudar	10	13	23
Ajudo só se for meu amigo ou amiga	3	2	5
Ajudo mesmo que não conheça	4	9	13

Ao analisarmos a atitude perante episódios de *Bullying* (tabela XXI), verificamos que a grande maioria dos alunos do 11º ano de escolaridade, ajudou mesmo que não conhecesse 50%. (n=9).

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Quanto ao 12º ano de escolaridade, a resposta mais dada foi, “ Tento ajudá-lo ou ajudá-la como posso”, com 37.5% (n=6).

Tabela XXI - Atitude perante um colega vítima – Ano

	11º Ano	12º Ano	Total
Nada, não é nada comigo	3	1	4
Nada, mas acho que deveria ajudar	2	2	4
Tento ajudá-lo ou ajudá-la como posso	4	6	10
Chamo alguém para ajudar	3	0	3
Ajudo só se for meu amigo ou amiga	4	4	8
Ajudo mesmo que não conheça	9	5	14

4.11 - Motivos para agressão

A tabela XXII mostra os motivos de quem agrediu. Podemos verificar que 76.4% (n=26), “Não fiz mal a ninguém”, que 11.7% (n=4), “Por outro motivo”, "Porque me irritaram" (5.8%; n=2).

Tabela XXII - Motivos para agressão em função do sexo

	Rapaz	Rapariga	Total
Não fiz mal a nenhum colega	20	6	26
Porque tive de me defender	1	0	1
Porque me irritaram	2	0	2
Faz-me sentir que sou melhor do que os outros	1	0	1
Para ser admirado e popular	1	0	1
Por outro motivo	4	0	4

No que diz respeito aos anos de escolaridade (tabela XXIII), os alunos agressores de 11º ano justificaram os seus atos com "Outros motivos" (n=4), "Porque tive que me defender" (n=1) e "Porque me irritam" (n=1).

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Por sua vez, os alunos do 12º ano apontaram, o "Por outros motivos" igualmente com "porque me irritam" e "Faz parecer que sou melhor que os outros", todos eles com n=1.

Porém, não se observaram diferenças significativas entre os sexos e entre os anos de escolaridade sobre os motivos para agressão ($p=0,05$).

Tabela XIII - - Motivos para agressão em função do Ano de escolaridade

	11º Ano	12º Ano	Total
Não fiz mal a nenhum colega	13	13	26
Porque tive de me defender	1	0	1
Porque me irritaram	1	1	2
Faz-me sentir que sou melhor do que os outros	0	1	1
Para ser admirado e popular	1	0	1
Por outro motivo	3	1	4

5

**Discussão de Resultados e
Conclusão**

5.1 - Discussão de resultados

Antes de iniciar as conclusões propriamente ditas, impõe-se-nos o reconhecimento de algumas limitações. Por um lado, a pesquisa foi realizada apenas a duas turmas, de uma escola, onde a amostra é de trinta e quatro alunos, que se encontram a frequentar o 11º e 12º de escolaridade, o que, permite apenas revelar parte da realidade, mas, os conhecimentos delas decorrentes, não podem ser automaticamente transpostos para outras realidades. Por outro lado, é importante não esquecer que uma pesquisa é sempre datada. Esta, relativamente à recolha de dados, foi realizada em Março de 2019. Assim sendo, quando se tecem considerações acerca do atual estado de participação no *Bullying*, ela reporta-se a esse mesmo período.

No entanto, considera-se que as limitações enunciadas, quando problematizadas de modo adequado, são preferíveis a estudos mais abrangentes, que omitem parte da realidade concreta (Magalhães, 2005). Tal como refere Abrantes (2003) “ Prefere-se uma análise delimitada no tempo e no espaço a uma análise global mas esvaziada de realidade.”

Embora pareça que estamos perante a mesma realidade, são duas realidades bem diferentes, ou seja, de um lado os alunos do 11º ano de Escolaridade, em que o intervalo de idades se situa entre os dezasseis anos de idade e os dezoito anos de idade, e do outro lado, alunos do 12º de Escolaridade, onde o intervalo de idades, se situa entre os dezoito e os vinte anos de idade.

Contudo, penso e concluo, que perante as respostas obtidas, o número de adolescentes que não participaram em atos de *Bullying*, é bastante superior, ao número de adolescentes que participaram nestes atos de violência.

A maioria dos inquiridos revelou-se importante e até mesmo surpreendente.

A palavra *Bullying* revelou-se na maioria dos inquiridos, bem conhecida dos inquiridos, no total foram trinta e quatro alunos inquiridos, onde 29 respostas, o que equivale a 85%, estão no grupo dos não envolvidos em atos de *Bullying*, duas respostas, o que equivale a 6% das respostas, estão no grupo das vítimas de *Bullying* e por fim o grupo dos agressores, que é composto por 3 respostas, o que equivale a 9% dos inquiridos.

A conclusão a que chegamos, é que embora esta pesquisa tenha sido feita com uma amostra relativamente pequena, face a uma realidade global, o *Bullying* parece não

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

ser palavra desconhecida entre os alunos, onde constatei que é mais praticado por indivíduos do sexo masculino.

Ao longo desta pesquisa, constatamos que o *Bullying* é realizado por várias formas de agressão, nomeadamente de forma direta ou de forma indireta.

Neste estudo, verificamos que a resposta mais referenciada, foi através de uma forma direta, de realizar *Bullying*, nomeadamente o recurso a insultos (nomes feios), com uma percentagem de 20.7%, o que equivale a 18 respostas, seguido de uma forma indireta, nomeadamente falar mal de alguém e dizer segredos sobre alguém, com 14 respostas, cerca de 16,1%. A agressão direta, por forma de agressão física, com murros e pontapés, obteve 11 respostas, 12.6 %, o que me permitiu concluir que cada vez mais, os jovens em contexto escolar, praticam mais atos de *Bullying* de uma forma direta, mas com mais recurso a agressões verbais e menos a agressões físicas.

No que respeita, aos locais onde as agressões são consumadas, conclui que tanto nos rapazes, como nas raparigas, o local de maior foco é no recreio, com 24 respostas, 34.9%, dadas neste sentido.

Verificamos pelas respostas obtidas, que agressor e vítima são alunos da mesma turma e que são ambas da mesma idade.

No entanto, podemos concluir também que não existe um perfil do agressor predominante, uma vez que através das repostas obtidas, não existe uma percentagem significativa entre as várias opções de resposta.

Relativamente às vezes que os Professores e Funcionários tentaram parar situações de *Bullying*, a maioria das respostas obtidas são: “ Não sei”, o que nos leva a concluir que normalmente, estes tipos de atos não são consumados na presença de Professores ou Funcionários.

As formas de comunicação dos alunos inquiridos, perante a agressão direta ou indireta, são de extrema importância para prevenção/combate à prática de *Bullying*.

Através destes questionários, conclui que os alunos que comunicaram aos Pais/Encarregados de Educação, apresentam o maior número de respostas (13 respostas), seguido dos alunos/ vítimas que comunicaram com os amigos (6 respostas).

No entanto, o resultado mais preocupante na nossa ótica, são os alunos que não comunicam a ninguém as agressões que foram ou são sujeitos, o que nos levou a concluir que existem alunos que tem vergonha de contar estes atos, ou que simplesmente temem, futuras represálias.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Quando questionados com a pergunta: “ O que fazes quando vês um colega da tua idade a ser agredido na escola?”, a maioria das respostas, 23 respostas, diz que chama alguém para ajudar a defender a vítima, seguido da resposta, tento ajudar como posso com 21 respostas.

É de salientar e preocupante ao mesmo tempo, a obtenção de 3 respostas de alunos que referiram que não fariam nada, ao verem um colega a ser vítima de *Bullying*, assim com 4 respostas de alunos que referem que não fariam nada, por medo de vinganças futuras.

Segundo Pereira (2002), que refere que a maior parte das crianças, não aprova o *Bullying*, mas como é uma prática habitual na escola, toleram-no. O *stress* que decorre destas vivências deve ser substituído por valores de cooperação de pequenos grupos.

Quanto ao motivo da agressão, a resposta mais dada, foi por outros motivos, o que foi justificado com “Sou estúpido”, com 4 respostas dadas.

A segunda resposta mais dada, com duas respostas, foi: “ Porque me irritam”.

Conclui portanto, que nem o próprio agressor saberá a causa da sua motivação, para a prática de atos de *Bullying*.

Referente aos alunos que afirmam terem agredido, colegas na escola, a resposta mais obtida, foi: Nunca.

No entanto, obtivemos 3 respostas, que afirmam terem agredido um colega na escola, 5 ou mais vezes, o que para mim, revela que para além da existência de atos *Bullying*, estes atos, são atos repetitivos e comuns.

Curiosamente, os agressores são todos rapazes e com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos de idade, o que vai ao encontro de vários estudos consultados, que indicam que o *Bullying* físico e o comportamento violento, são mais comuns nos rapazes do que nas raparigas, (Grills & Ollendick, 2002; Martins, 2009; Nansel et al.2001; Olweus, 2010) citado por Melim (2011).

Quanto à possibilidade dos alunos se terem juntado a outros colegas para agredirem um colega, a resposta mais obtida, foi que não se juntaram, assim como também referiram que nunca tinham tomado parte em agressões a outros jovens no caminho da escola, o que a meu ver é bastante positivo no combate ao fenómeno do *Bullying*.

Por outro lado, torna-se preocupante mais uma vez, quando me deparei que a maioria dos alunos inquiridos, respondeu que ajudaria a agredir um colega, que não gostasse.

5.2 - Conclusões

Como conclusão final e com base na investigação científica realizada, os resultados obtidos vieram comprovar que o *Bullying* é um fenómeno que está presente em contexto escolar.

Nas duas turmas inquiridas, verificou-se que o nível de vitimização não é elevado, no entanto merece sempre a nossa maior preocupação, atenção e intervenção, caso seja necessário.

Numa amostra de 34 alunos, apurou-se que o nível de vitimização destes atos é mais comum entre rapazes do que entre raparigas, como referido anteriormente e de uma forma mais direta do que indireta.

Como cenário mais predominante, onde se realizam estas agressões, constatamos que o recreio é o cenário mais apetecível para a prática destes atos.

Estes casos podem trazer não só baixa de autoestima e falta de auto - confiança, como consequências gravíssimas para as suas vítimas, nomeadamente a tentativa ou até mesmo suicídio.

A conclusão que se pode retirar deste estudo, é que embora tenha sido realizado com uma amostra relativamente pequena, em relação à população que sofre de *Bullying*, no seio desta amostra existem alunos que provavelmente se viram privados de usufruir a plenitude das suas capacidades, visto que foram vítimas de atos de *Bullying* e possivelmente estas experiências marcaram-nas negativamente, para o resto das suas vidas.

5.3 - Estratégias propostas

Assim sendo, as estratégias que propormos para tentar minimizar os atos de *Bullying* são: Desmistificar o *Bullying*, definir *Bullying*, promover a aceitação, partilhar fatos sobre *Bullying*, nomear comportamentos de *Bullying*, estabelecer regras, realizar questionários sobre *Bullying*, relatar ocorrências de *Bullying*, intervir imediatamente se é testemunha de *Bullying*, ensinar competências de amizade, criar empatia, premiar a cooperação, promover o trabalho em equipa, promover a compreensão, ensinar os alunos a elogiarem-se a si mesmos e uns aos outros e incentivar os alunos a realizarem serviço comunitário.

Quanto às vítimas de *Bullying*, é necessário estar em alerta, identificar as vítimas ou as potenciais vítimas, quebrar o código do silêncio, agir de imediato quando há conhecimento de um ato de *Bullying*, ser um bom ouvinte, deve-se prestar atenção ao relato das vítimas e não falar enquanto estas falam, usar uma linguagem corporal que revele atenção e seja encorajadora, estabelecer e manter contacto visual, ser paciente, deve-se realizar perguntas para encorajar a vítima a falar e lhe demonstrar que está a ser ouvida, espelhar os sentimentos de quem fala no próprio rosto, usar breves interjeições para indicar que se está a ouvir, concentrar-se realmente naquilo que o aluno está a relatar, pensar antecipadamente no que se vai responder, disponibilizar aconselhamento, avisar os pais destes atos, mobilizar testemunhas, promover a autoestima e encorajar uma atitude positiva.

Para evitar o *Bullying* existem algumas formas que são: Evitar a companhia dos bullies, agir com confiança, parecer confiante, ser observador, contar estes atos a um amigo ou familiar, ser assertivo, permanecer calmo, manter uma distância segura, afastar-se, saber dizer: “Pára”, saber dizer: “deixa-me em paz”, “como quiseres”, usar o humor, andar em grupo, se existir perigo deve-se fugir e evitar locais mal iluminados.

Para se ajudar os indivíduos bullies também existem algumas formas, tais como: Encorajar uma atitude positiva, promover a autoestima, ensinar a visualização positiva dos fatos, dar-lhes a oportunidade de sobressaírem com a realização de atos e atitudes positivas, fomentar relações familiares sólidas e de amizade com outros adolescentes, ter consequências disciplinares claras, preparadas para a punição destes atos, comunicar aos pais os atos que os seus filhos praticam, disponibilizar aconselhamento, ensinar competências de liderança, ajudar os alunos a saber gerir as suas emoções, atribuir-lhes

responsabilidades importantes e ensiná-los a incutirem bom senso neles próprios, de forma a tornarem-se pessoas mais positivas.

5.4 - Conclusões Finais

Na certeza, porém, de que muita informação nesta área de estudo, ainda estará por descobrir, só um esforço conjunto nos permitirá um melhor e maior conhecimento das crianças e adolescentes.

No entanto, espero que esta investigação científica, seja uma mais-valia na criação de acrescidas oportunidades de relatos, de pessoas que são vítimas ou agressores de atos de *Bullying*.

Não podemos esquecer, que assegurando um correto desenvolvimento e crescimento das crianças e adolescentes, estamos a apostar na qualidade de vida e no futuro das próximas gerações.

As crianças e adolescentes de hoje, serão o futuro de amanhã.

Parte IV

Reflexões Finais

4.1. - Expectativas e competências adquiridas durante o estágio

As expectativas do estágio foram sem dúvida uma mais-valia para a minha carreira do professor ao nível da Educação física, mas não só, também a nível pessoal e intelectual, de crescimento e maturidade, em suma, superaram todas as minhas expectativas iniciais.

Na minha perspetiva, foram alcançadas com sucesso, as expectativas e competências a que me propôs alcançar, no Plano Individual de Formação.

4.2. - Reflexões finais do ensino supervisionada

Apesar de já possuir, alguma experiência no ensino, tive a oportunidade ao longo deste ano de vivenciar a profissão de docente, numa escola secundária, tendo sido uma experiência totalmente diferente e muito importante, na minha formação pessoal e pedagógica, pois existem imensos aspetos diferentes das escolas do ensino básico.

Durante este ano letivo 2018/2019, apliquei práticas de docência que tinha, mas também adquiri outras e apliquei conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

Um professor não deverá ser apenas e só, um mero transmissor de conhecimentos, mas sim alguém a quem os alunos confiam a sua evolução ao nível psicomotor e intelectual, tornando-se, assim um grande desafio.

Lecionar, é extremamente desafiante, motivador, que exige uma mente criativa, onde o professor se tem que adaptar a contextos diferentes, a ter que saber lidar com alunos diferentes entre si, a arranjar estratégias de ensino motivadoras, mesmo para aqueles que não podem realizar as aulas, pelas mais diversas razões.

Assim, a Educação Física, é uma disciplina com características completamente diferentes, de todas as outras disciplinas e que, a meu ver, me motiva todos os dias, pois tenho muito prazer em ensinar e aprender com todas estas experiências.

Ao existir uma boa organização e gestão da aula, haverá uma maior eficácia pedagógica do professor de Educação Física, no sentido em que ele deve saber

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

sistematizar, todo o seu processo educativo, elaborando bons planeamentos de aula e mantendo relações positivas com os alunos.

Com todas estas premissas, podemos concluir que o professor deve agir estrategicamente com os alunos, mas sobretudo saber abordar os aspetos mais relacionais e emocionais, privilegiando as situações sócio afetivas, que cativem os alunos e que lhes permita, sentirem-se mais à vontade e com vontade, para prática da atividade física.

Havendo, este tipo de interação, o nosso trabalho fica mais valorizado, pois os índices de empenho aumentam, facilitando assim, as aprendizagens e empenho de cada aluno.

Os próprios projetos educativos, fazem referência a estes aspetos, mesmo o PNEF, incluindo a avaliação de cada aluno que é contabilizada numa percentagem da sua avaliação.

Conseguir desenvolver o carácter do aluno é de extrema importância, tanto a nível individual, como nas relações com os outros.

Como diz o professor Carlos Neto, “o individuo é essencialmente um ser social”.

Ao fomentar os aspetos sócio afetivos dos alunos, em detrimento das ações físicas, é para mim algo muito importante, pois desta forma tornar-se-á mais facilmente atrair os alunos, para a prática desportiva ou de atividade física, dando-lhes bases fundamentais, que visem a promoção da saúde e o combate ao sedentarismo.

Desta forma, o professor de Educação Física, como principal transmissor de conhecimentos, deve manter-se atualizado sobre estratégias pedagógicas e de intervenção para com os alunos, visando, com que todo o seu processo seja inovador, cativador, devido às mudanças constantes da sociedade e das suas gerações, dos seus valores e ideais.

Todas as experiências vivenciadas, influenciam o processo contínuo de formação do professor, crescendo como pessoa, como profissional, sofrendo influências diversas, mas que nunca pode esquecer que é responsável pela contribuição do processo educativo de outras pessoas/alunos.

É fundamental sermos capazes de responder aos alunos da melhor forma, segundo Sousa (2000, p.14), um professor tem de ser capaz de responder “às

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”.

A Educação Física tem hoje, no quadro do sistema educativo português, um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança e do jovem já que se mantém no currículo de todos os alunos ao longo do ensino básico e secundário.

Achei uma experiência bastante enriquecedora, trabalhar com os alunos do curso técnico profissional, quer a nível profissional quer a nível pessoal. Pois com estes alunos, todos os dias são diferentes, temos que nos adaptar e arranjar estratégias constantemente para os cativar, resolvendo quezílias constantemente. Daqui tirei uma boa lição, que um bom diálogo e compreensão sem julgamentos prévios é meio caminho andado, para o sucesso no trato com os alunos.

Estas vivências evidenciaram o meu espírito lutador e de desafio sobre as novas experiências, principalmente ao nível das atividades físicas, onde através dos meus conhecimentos, tentei adaptar estratégias inovadoras que até então os alunos não tinham vivenciado.

A minha experiência também contribuiu para a evolução mais simplificada dos alunos, uma vez que a confiança nas minhas competências, proporcionou estratégias de intervenção mais simples e mais rápidas, rendendo sempre melhor os tempos de prática efetiva de aula.

Considero-me alguém competente tanto na prática letiva, como nas tarefas adjacentes, mas, reconheço que a ajuda da minha Orientadora Professora Sandra Nóbrega, no terreno, com a sua larga experiência no ensino da Educação Física e com as críticas construtivas das minhas orientadoras, Professoras Doutora Amália Rebolo e Professora Doutora Paula Rodrigues, me fizeram ser um professor bastante melhor, do que era anteriormente e crescer tanto a nível pedagógico como a nível intelectual.

De facto, como diria, Sousa (2000, p.16) podemos verificar também que “quando desejamos profissionais competentes, estamos igualmente a desejar pessoas

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

psicologicamente fortes, amadurecidas e realizadas, pessoas psicologicamente equilibradas”.

Estou certo, que dei o melhor de mim e chego ao fim, com a convicção e certeza que esta experiência, excedeu as minhas expectativas, pois foi um processo evolutivo, foi uma experiência muito trabalhosa, mas extremamente gratificante e enriquecedora, especialmente na melhoria das minhas competências ao nível do Planeamento, Avaliação e Condução do ensino.

Houve momentos, menos fáceis é certo, mas que me fizeram crescer como pessoa e profissional de Educação Física.

Para finalizar agradeço a todos que proporcionaram o meu estágio de mestrado.

PARTE V
BIBLIOGRAFIA

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Abrantes, P. (2003). Os Sentidos da Escola: Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade, Oeiras: Celta Editoras

Abrapia (2010). Disponível em <https://jus.com.br/artigos/40387/bullying-escolar-a-importancia-da-prevencao-dessa-pratica>

Abrapia (2005). Disponível em [www.educacional.com.br > reportagens > bullying](http://www.educacional.com.br/reportagens/bullying)

Almeida, A. e Barrio, C. – A vitimização entre companheiros em contexto escolar. In Machado, Carla C. e Gonçalves, Rui Abrunhosa (Coods.), *Violência e vítimas de crimes – crianças*. Coimbra: Quarteto, 2002. ISBN 978-989-558-110-8. Vol. 2. p. 169–197.

Arantes, A. C. (1997). A competência profissional e o professor de Educação Física. *Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - Nº 128 - Enero de 2009*.
disponível em <https://www.efdeportes.com/efd128/a-competencia-profissional-e-o-professor-de-educacao-fisica.htm>

Beatriz Oliveira Pereira (2002). Para uma escola sem violência – Estudo e prevenção das práticas agressivas entre *crianças*, Fundação Calouste Gulbenkian

Batista, P., Graça, A. & Pereira, A. (2012). A (re)configuração da identidade profissional no espaço formativo do estágio profissional. In Nascimento, J. & Farias, G. (Org.), *Construção da identidade profissional em Educação Física da formação à intervenção*. (pp. 81-111). Florianópolis: Ed. da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina.

Batista, P. & Queirós (2012). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In P. Batista, P. Queirós, & R. Rolim (Ed.), *Olhares sobre o estágio profissional em educação física*. Porto: Editora FADEUP, p. 33-52.

Beane, A. L. (2006). *A Sala de Aula Sem Bullying*. Mais de 100 Sugestões e Estratégias Para Professores, Porto, Porto Editora

Beane, A. L. (2008). *Proteja o seu filho do Bullying*, Poto, Porto Editora

Bento, J. (1995). *O Outro Lado do Desporto – Vivências e Reflexão Pedagógicas*. Porto: Campo e Letras – Editores, S.A.

Bento, J. (1999). Contexto e Perspetivas *In: Contextos da Pedagogia do Desporto. Perspetivas e Problemáticas*. (pp.50-112). Lisboa. Livros Horizonte.

Berger, K. S. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review* 27, 90-126.

Botelho, R. G., & Sousa, J. M. C. (2007). *Bullying* e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 1 (1), 58-70

Costantini, A. (2004). *Bullying, como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens*. São Paulo: Itália Nova editora.

Construção da Identidade Profissional em Educação Física: da formação à intervenção. Florianópolis: Ed. da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, 2012. (Temas em movimento).

Congresso Científico-Pedagógico da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural VI Évora 2000 - Educação e formação profissional : as perspetivas do movimento da escola cultural. Porto : Porto Editora, 2006. (Mundo de Saberes).

Cunha, A. C. (2008). *Ser Professor: Base de uma Sistematização Teórica*. Braga: Casa do Professor

Estrela, Maria T. & Amado, João (2000). *Indisciplina, violência e delinquência na escola*.

Fante, C. e Pedra, A. (2003). *Fenómeno Bullying: estratégias de intervenção e prevenção da violência entre escolares*. São Paul

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Fante, C. (2005). Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Editora Verus, 2005.

Fante, C., Pedra A. (2008). Bullying escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artemed.

Fernandes, J. (2010). Eu já sofri *Bullying* e você?. Disponível em: <<http://arcadenoe.ning.com/profiles/blogs/eu-ja-sofri-bullying-e-voce>>.

Ford, N. (1992) “*When I Begin? Conceptions of The Human Individual in History. Philosophy and Science*”. Cambridge University Press XIX.

Genta, M., Menesini, E., Fonzi, A., Costabile, A., Smith, P.(1996). *Bullies and victims in school in central and Southern Italy. European Journal of Psychology of Education, 11(1), 97-110.*

Koyanagi, A (2019). disponível em <https://veja.abril.com.br/saude/alerta-1-em-cada-5-criancas-pensa-em-suicidio-por-cao-do-bullying/>

National Association of School Psychologists, (2008). disponível em <https://www.nasponline.org/>

Manita, C. (2002). Reflexões em Torno da Questão da Intervenção com agressores.

Maya, M.J. (2008). Disponível em <http://bullyingdo7c.blogspot.com/2008/11/o-que-podem-fazer-os-professores.html>

Martins, M.J.D. (2003), Agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar.

Martins, Maria José D. (2003), Agressão e vitimização entre os adolescentes em contexto escolar. Variáveis sociodemográficas e cognitivas

Melim, F. (2012). Na escola, tu és feliz? Estudo sobre as manifestações e implicações do Bullying escolar. Universidade do Minho

Neto, C. (1979). Jogo e Desenvolvimento da Criança. Lisboa, Edições FMH.

Neto, C. (1987), Motricidade e desenvolvimento: Estudos do comportamento de crianças de 5-6 anos relativo à influência de diferentes estímulos pedagógicos na aquisição de habilidades fundamentais de manipulação. Tese de Doutoramento

Nery, Neto, Rosado e Smith (Março de 2017) Manual Anti-Bullying na Formação Desportiva. de Confederação do Desporto de Portugal. www.cdp.pt

Nóvoa, A. (s/d) Para uma formação de professores construída dentro da profissão. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Olweus, D. (1973). *Personality and aggression. Em J. Cole & D. Jensen (Ed.), Nebraska Symposium on Motivation. Nebraska: Lincoln University of Nebraska Press, Hemisphere.*

Olweus, D. (1978). *Aggression in the schools: bullies and whipping boys. Washington DC: Hemisphere.*

Olweus, D. (1991). *Bully/victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a school based intervention program. In D. J. Pepler & K. H. Rubin (Eds.), The development and treatment of childhood aggression. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 411-448*

Olweus, D (1993). *Bullying at school. Oxford e Cambridge: Blackwell*

Olweus, D. (1994). Annotation: bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Psychology and Psychiatry*, 43 (7), 1171-1190.

Ortega, R. (1994a). Investigaciones y experiencias. Violencia interpersonal en los centros educativos de enseñanza secundaria. Un estudio sobre maltrato y intimidación entre compañeros. *Revista de Educacion*, 304, 253-280.

Ortega, R. & Angulo, J.(1998a). *Violência Escolar. Su presencia en Institutos de Educación Secundaria de Andalucía. Revista de Estudios de Juventud*,1, 42-61.

Pais, E. (1996). *Violência (s): Reflexões em Torno de Um Conceito*” Revista do Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra.

Pereira, B., Neto, C. & Smith, P. (1997). Os Espaços de Recreio e a Prevenção do *Bullying na Escola*. In: C. Neto (Ed9. *Jogo e Desenvolvimento da Criança* (pp. 238-257)

Pereira, B.,& Neto, C. (1999). As Crianças, o Lazer e os Tempos Livres In M.Pinto e M. Sarmiento (eds). *Saberes Sobre as Crianças* (pp.63-107), Braga. Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho

Pereira, B. (2002). *Para Uma Escola Sem Violência: Estudo e Prevenção de Práticas Agressivas Entre Crianças*. Lisboa, Fundação Calauste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia.

Philippe Perrenoud (2000), A competência profissional e o professor de Educação Física, disponível em, <https://www.efdeportes.com/efd128/a-competencia-profissional-e-o-professor-de-educacao-fisica.htm>

Rebolo, A (2010). *Jogos de luta ou luta a sério? Como distinguir para decidir*: http://www.apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/CEI_90_p24.pdf

Ruas, P. (2001). *Um olhar reflexivo sobre a prática pedagógica/estágio*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Senes, M. (1993). *Escola do Passado e Escola do Futuro*. In os *Desafios da Educação para o Século XXI*. Caderno Público.

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

Simmons, R. (2004). Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas. Rio de Janeiro: Rocco.

Smith, P.K. e Brain, P.F. (2000). *Bullying in schools: lessons from two decades of research*. *Aggressive Behavior* 26: 1-9

Smith, P. K.; Sharp, S. (1994). School bullying: insights and perspectives. London: Routledge.

Sousa, M. (2000). O professor como pessoa. 1ª Edição. Edições ASA. Lisboa.

Bibliografia Informática

- | | |
|---|-----------------------------------|
| http://www.Antibullying.net | Consultado a 14 de Julho de 2019 |
| http://www.Antibully.org.uk | Consultado a 15 de Julho de 2019 |
| http://www.youthwork.com | Consultado a 23 de Junho de 2019 |
| http://www.bullyonline.org | Consultado a 26 de Julho de 2019 |
| http://www.bully.org | Consultado a 2 de Agosto de 2019 |
| http://www.wikipedia.org/wiki/Bullying | Consultado a 2 de Agosto de 2019 |
| http://www.miudossegurosna.net | Consultado a 5 de Agosto de 2019 |
| http://www.psicronos.pt | Consultado a 6 de Agosto de 2019 |
| http://www.scielo.oces.mctes.pt/ | Consultado a 6 de Agosto de 2019 |
| http://www.bullying.org/ | Consultado a 10 de Agosto de 2019 |

BULLYING -Em Contexto Escolar - Uma Forma de Magoar

http://www.psicologia.com	Consultado a 11 de Agosto de 2019
http://www.bullying.com.br/	Consultado a 11 de Agosto de 2019
http://www.bullying.co.uk	Consultado a 12 de Agosto de 2019
http://www.uma.pt/	Consultado a 12 de Agosto de 2019
http://www.inuaf-studia.pt/noticias/	Consultado a 17 de Agosto de 2019
http://www.asic.pt	Consultado a 20 de Agosto de 2019
http://www.childline.org.uk	Consultado a 25 de Agosto de 2019
http://www.nlm.nih.gov	Consultado a 26 de Agosto de 2019
http://www.bullyonline.org	Consultado a 30 de Agosto de 2019
http://www.kidscape..org.uk	Consultado a 1 de Setembro de 2019
http://www.fmh.utl.pt	Consultado a 1 de Setembro de 2019
https://estudogeral.sib.uc.pt › bitstream	Consultado a 1 de Setembro de 2019
https://www.repository.utl.pt › 2016_	Consultado a 1 de Setembro de 2019
https://www.infoescola.com	Consultado a 1 de Setembro de 2019

PARTE VI
ANEXOS

